



# MINISTÉRIO

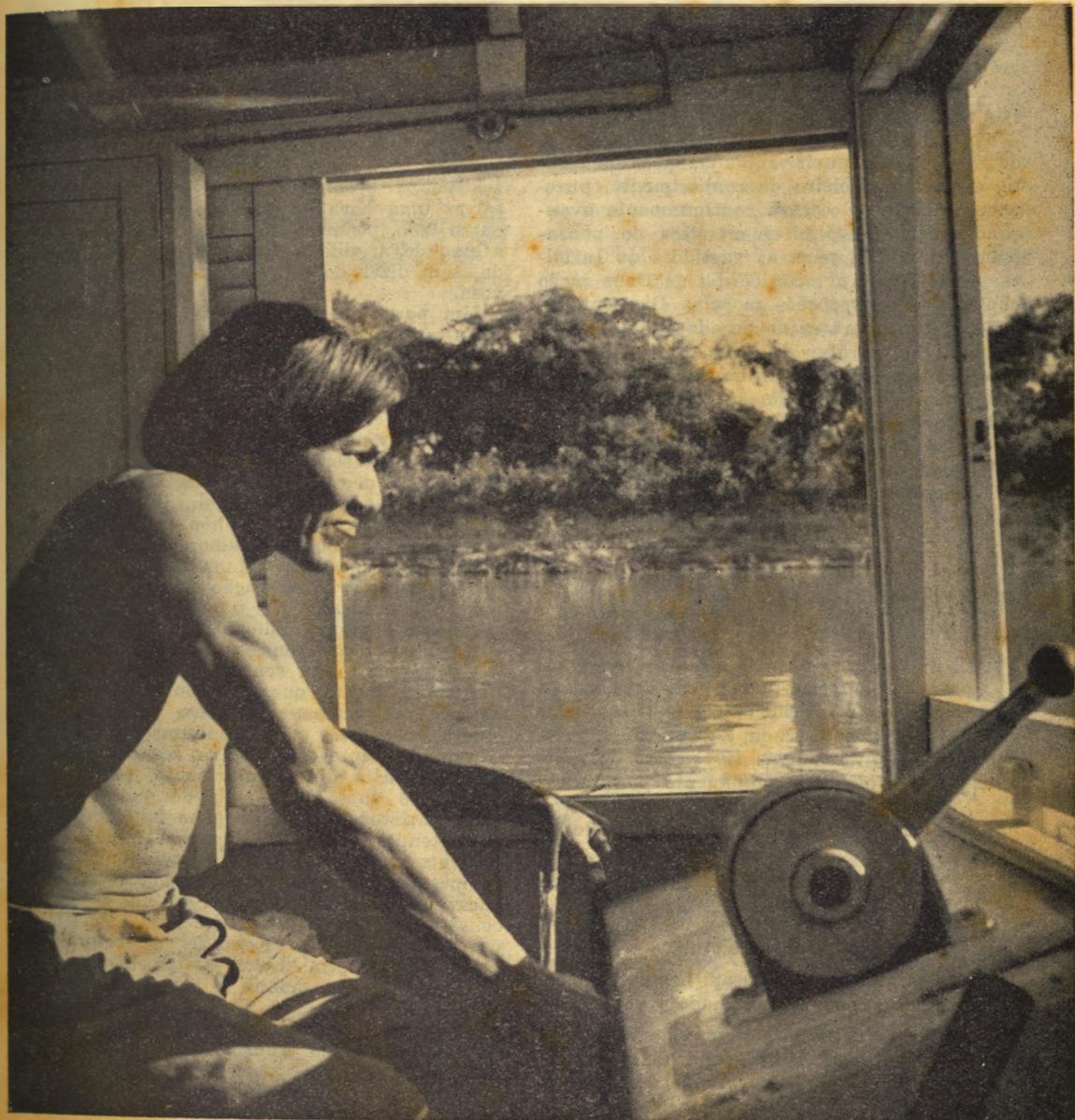
ADVENTISTA



Nº 25

NOVEMBRO – DEZEMBRO DE 1959

Nº. 6



“... a Tôda a Nação e Tribo e Língua e Povo.” — Apoc. 14:6.



## O Celeiro da Mente

“AQUÊLES que esvaziarem o coração da vaidade e imundícia por meio da graça de Deus, podem purificar as câmaras da mente, tornando-a celeiro de conhecimento, pureza e verdade. E estará continuamente avançando além dos limites estreitos do pensamento mundano, para as vastidões do Infinito. A justiça e a misericórdia de Deus serão expostas às percepções morais. Discernir-se-ão o maldoso caráter do pecado e suas consequências. O caráter de Deus, Seu amor manifestado em dar Seu Filho para morrer pelo mundo, e a beleza da santidade, são exaltados temas para meditação. Fortalecerão o intelecto, e trarão o homem em íntima comunhão com o Ser Infinito.” — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 49.

## Conceitos de Grandeza

DOIS irmãos, Amede e Omar, desejavam fazer alguma coisa para perpetuar-lhes a memória. Omar erigiu um grande obelisco, junto a uma larga estrada, e nêle gravou o seu nome com muitas outras inscrições. Lá permaneceu o esplêndido monumento por muitos anos, mas inútil para o mundo. Amede cavou um poço no deserto e plantou ao redor dêle algumas palmeiras. No decorrer de algum tempo, o local se transformou em lindo oasis onde o viandante cansado se detém para desalterar a sua sede, alimentar-se com o fruto das palmeiras, e descansar à sombra.

Todos os que por lá passam bendizem o nome de Amede, que é cognominado o Bom.

A história ilustra dois planos de vida. Um consiste em procurar ter grande nome, embora inútil como o foi o que se gravou no obelisco de Omar. O outro consiste em transformar a vida em oasis onde os cansados podem encontrar descanso, conforto e refrigério. — *Transcrito.*

## Conseguindo Tempo

GERALMENTE conduzimos as coisas para arranjarmos tempo — e dinheiro — para fazermos o que *queremos* fazer. Planejando e organizando cuidadosamente nosso tempo podemos também achar tempo para fazer o que *devemos* fazer, e fazê-lo com facilidade.

Numa certa manhã podemos ter duas tarefas importantes e urgentes aguardando nossa atenção. Contudo as ocupações regulares das atividades de todo um dia ou mesmo uma semana podem depender daquilo que fazemos em primeiro lugar. Um pequeno pensamento sempre nos ajudará a decidir qual a mais importante.

O delinear nosso trabalho diário e semanal, ou simplesmente anotar várias tarefas e incumbências, sempre constitui bom plano. Cinco ou dez minutos gastos em trabalho “de anotar” logo pela manhã, pode muitas vezes poupar realmente léguas de viagens e talvez uma hora ou mais de tempo que, por outro lado, podem conduzir o dia inteiro num afluxo de atividade desorganizada e frustrada, sem dizer do desperdício de energia nervosa.

Um pouco de planejamento sempre tenderá a aliviar as tensões que freqüentemente se armam dentro de nós ao permitirmos que uma porção de deveres desorganizados se amontoem sôbre nós. Geralmente ao anotar-mos todos êstes deveres num pedaço de papel e nos prendermos exclusivamente aos itens que *precisam* ser cumpridos hoje, e a seguir tomamos a *decisão* quanto aos itens que podem ser adiados até amanhã, ficaremos surpresos ao descobrir que não estávamos tão assoberbados como pensávamos. De fato, descobrimos que dispomos de um pouco de tempo para a necessária recreação e talvez mais um pouco para realizarmos uma ou duas das tarefas que havíamos adiado para “amanhã”.

É o obreiro que começa o dia fazendo alguma coisa ao acaso, sem método ou algo que lhe vem à mente, que está sempre reclamando que tem muita coisa para fazer. Outro obreiro, com bem poucos minutos de cuidadoso planejamento, organizará seu trabalho e atravessará o dia regularmente, geralmente realizando duas vezes mais do que o outro, e ainda parece ser um “homem folgado.”

Se tendes sido uma daquelas almas infelizmente apressadas, por que não tomar agora mesmo um tempinho para anotar todos os encargos iminentes? Colocai-os em ordem, e considerai-o por alguns momentos. Verificai, um a um, os que *precisam* ser desincumbidos *hoje*, e deixai sem “ticar” os que bem podem ser adiados até amanhã a menos que consigais tempo para êles. Então, havendo tomado a decisão, ponde-vos a trabalhar. De quando em quando, no transcorrer do dia, verificai a lista e riscai as tarefas feitas. Amanhã cedo fazei nova lista do que sobrou de hoje, acrescentando novos itens. Ponde-vos de novo ao trabalho. Dentro de dois ou três dias sereis um homem surpreso e aliviado. — *Ben Glanzer.*



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira

Gerente — Bernardo E. Schuenemann

Redator responsável — Luiz Waldvogel

Redator associado — Arnaldo B. Cristianini

Colaborador especial:

J. J. Aitken

Brasil

Assinatura Anual ..... Cr\$ 300,00  
Número Avulso ..... Cr\$ 50,00

Estrangeiro

Assinatura Anual ..... US\$ 2,00  
Número Avulso ..... US\$ 0,35



ANO 25 No. 6

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O Celeiro da Mente . . . . .	2
Conceitos de Grandeza . . . . .	2
Conseguindo Tempo . . . . .	2

ILUSTRAÇÕES

Seguro na Escuridão . . . . .	3
Lição de Duas Cabras . . . . .	3

ARTIGOS GERAIS

A Lei Não Formulada — 1ª. Parte . . . W. J. Hackett	4
Nosso Ministro . . . . . C. L. Torrey	7

PASTOR — PASTOREIO DO REBANHO

O Lugar da Oração ao Tomarmos Decisões . . . . . Haroldo L. Calkins	9
O Ministro Como Professor . . . G. T. Anderson	11

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

"Vai Nesta Tua Fôrça" . . . . . M. Fridlin	13
As Pessoas Mais Enfermas São as que Menos Trabalham . . . . .	14
Não Percebido, Mas . . . . .	14
Trabalho de Equipe . . . . . Walter Schubert	15

EVANGELISMO DA SAÚDE

Você Omite o Desjejum? M. Dorothea Van Gundy . . . . .	17
---	----

INSTRUTOR BÍBLICO

Preparo Básico Para o Evangelismo Pessoal Louise C. Kleuser . . . . .	19
--	----

DIVERSOS

Provações do Cristão . . . . . Edite A. Sawyer	21
Que Dizermos dos Sermões Longos Demais? Arnaldo B. Cristianini . . . . .	22
NOSSA LÍNGUA . . . . .	24

# Ilustrações

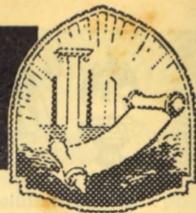
## Seguro na Escuridão

HAVIA uma cela subterrânea numa antiga prisão egípcia, muito temida pelos prisioneiros. Certa vez um homem de trato foi sentenciado a passar vinte e quatro horas nesse lugar de horror. "A porta estava aberta. Os passos do guarda perdiam-se à distância. Então tudo era tranqüilidade. O homem sentiu-se deprimido, paralisado de medo. Formas estranhas e horrendas saíam da obscuridade e apontavam para êle. Sentiu que daí a pouco o terror o conduziria à loucura. Então súbitamente ouviu o som de passos no teto, e num tom sereno o capelão chamou-o pelo nome. Oh, jamais houve tão doce música! 'Deus vos abençoe,' disse gaguejando o pobre homem. 'Estais aí?' 'Sim,' respondeu o capelão. 'E não sairei daqui enquanto não fôrdes sôlto.' O pobre homem não sabia como agradecer. 'Pois bem, não me preocuparei tanto agora, estando vós aí dessa maneira.' O terror se dissipou estando seu amigo tão próximo, invisível, contudo em cima. Assim também ao lado de todos nós está a presença invisível contudo amorosa de nosso Amigo, e as trevas e o perigo não mais terão poder de nos amedrontar." — *Christian Endeavor World.*

## Lição de Duas Cabras

COMENTANDO a respeito do espírito que deve ter o crente em associar-se com outros que contrariam suas opiniões, diz certo escritor: "Se duas cabras se encontram numa estreita passagem sôbre um regato, que fazem? Não podem voltar, e não podem passar juntas; não há uma polegada de espaço disponível. Se se dessem marradas uma na outra, ambas cairiam na água e afogar-se-iam. Que pensa você fariam elas? Que faria você? Bem, a natureza ensinou a uma cabra deitar-se estendida permitindo que a outra passe sôbre ela, e dessa forma ambas, seguras e ilesas, atingem o fim da jornada."

Não estamos todos continuamente encontrando "cabras em estreitos terrenos", estando o abismo embaixo? Não deveríamos nós, que desejamos a salvação nossa e do nosso irmão, abaixar-nos e permitir que êle passe sôbre nosso corpo estendido, para que possamos ambos ser salvos? — *Seleto.*



## A Lei Não Formulada - 1ª. Parte\*

W. J. HACKETT

Presidente da União Atlântica

**T**ÔDA vez que sou convidado a falar a um grupo de obreiros e dirigentes, minha mente relembra a primeira reunião campal a que compareci. Tôdas as reuniões eram muito interessantes e fascinantes para um rapaz que tivera pouco contacto com outros grupos de adventistas. Fiquei encantado com as grandes tendas, com a barraca da família na qual ficámos, com o grande número de adventistas do sétimo dia, com as reuniões matinais de testemunhos e a grande mesa vegetariana.

Minha família comparecia a tôdas as reuniões. Fiquei, porém, perplexo certa manhã ao descobrir que todos os oradores e outros obreiros do conclave se achavam reunidos numa tenda, a qual conforme se avisou era para "reuniões de obreiros." Ao passar por ela, observei um ministro de cabelos brancos pregando com satisfação, apontando o dedo a todo o grupo de ministros. Minha curiosidade venceu-me, e fui imperceptivelmente até ao lado da parede da tenda, próximo à entrada acortinada de lona, para ouvir o que o pregador estaria pregando a um grupo de pregadores. Não podia conceber um grupo de homens, perfeitos como deveriam ser, necessitando ouvir um sermão diário. Enquanto me achava lá para ouvir algumas interessantes declarações, uma voz amistosa falou comigo e uma mão segurou-me o braço. Era o pastor Meade MacGuire. Com um sorriso convidou-me a entrar e a ouvir se o quisesse. Confuso e meio assustado, segui-o no interior da tenda, e sentei-me num banco dos fundos.

Jamais me esquecerei da pregação daquele ministro. Pregava como se se dirigisse a pecadores! Quando finalmente me tornei ministro compreendi melhor a necessidade de têrmos pregadores que preguem a ministros e obreiros. E, nesta manhã, ao achar-me diante de vós, asseguro-vos que o faço com a profunda intuição de minha própria necessidade espiritual. Sinto-me como se sentiu Pedro ao escrever sua segunda carta à igreja primitiva.

\* Este sermão apelativo foi pregado em recente concílio outonal. W. J. Hackett, foi recentemente eleito presidente da União Atlântica, logo ao voltar de sua comissão na Divisão do Extremo Oriente. — Editôres.

va. "Amados, esta é agora a segunda epístola que vos escrevo; em ambas procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida, para que vos recordeis das palavras que anteriormente foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos" (II S. Ped. 3:1 e 2).

Certamente todos necessitamos ter a mente estimulada, e lembrarmo-nos da instrução maravilhosa que a nós, como um povo e como dirigentes, veio através da Palavra de Deus e dos conselhos do Espírito de Profecia.

Vivemos numa época de grandes cometimentos científicos. A nossa época é a dos "sputniks", da propulsão a jato, da fissão nuclear. Os que governam o mundo despendem grandes somas de dinheiro a fim de educar os homens no sentido de estudarem e pesquisarem mais profundamente os segredos da Natureza, e desenvolverem métodos científicos para se manterem sempre na vanguarda nesse terreno. Ainda neste particular observa-se uma intensidade no desenvolvimento de máquinas mais perfeitas, com dispositivos automáticos mais aperfeiçoados, para a produção de coisas mais perfeitas e úteis. Desde que retornei da divisão de além-mar, tenho-me pasmado com a perfeição de gravação ou o processo de reproduzir a voz e sons de execuções orquestrais. Pensei que um de nossos vizinhos tivesse a Orquestra Sinfônica de Nova York em sua sala de estar, certa noite. Chamava a isso de "alta fidelidade." Quis eu saber o que vinha a ser isto, e êle o definiu como nova espécie de reprodução que acusa elevado grau de exatidão. Em outras palavras, um novo engenho que se produziu em matéria de exatidão.

Enquanto ouvia esta música maravilhosa e meditava sobre ela, e enquanto relembra o alto grau de conquista em tantos campos do conhecimento, comecei a fazer uma aplicação de ordem espiritual. Perguntei: Como tenho reproduzido em minha vida e em meu trabalho a vida e o caráter de Jesus, cuja causa espousei e cujo reino tenho que estabelecer dentro de mim? Lembrei-me daquele declaração no *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 615, que diz: "Cristo posa para ser retratado em cada discípulo." Numa introspecção não pu-

de deixar de indagar a mim mesmo como esse retrato da vida e caráter de Cristo se estava refletindo em mim. Quisera saber se a intensidade de minha alma estava produzindo os sons da alta fidelidade que Deus deseja irradiar ao mundo quando toca as cordas do meu coração e o órgão de minha alma. Tem o desenvolvimento do caráter cristão e a reprodução dos atributos de Cristo acompanhando o ritmo do desenvolvimento no campo da ciência, da indústria e das comunicações? Temos nós, como cristãos adventistas do sétimo dia, avançado na ciência e na arte das virtudes cristãs tanto como a ciência secular se desenvolveu no seu campo?

Ao invés de produzir melhoria ano após ano, julgamos alguns que a igreja tem estado propensa a regredir em sua reprodução e desenvolvimento dos atributos cristãos. Deus nos convida a voltarmos ao nosso "primeiro amor." "Arrepende e pratica as primeiras obras." E à Laodicéia diz Deus: "Unge teus olhos com colírio, para que vejas."

Tenho certeza de que nós, como dirigentes da igreja, não somos ainda perfeitos. Contudo, sinto-me bem confiante de que não temos necessidade de nos arrependermos dos pecados comuns de nossa época irregenerada. Duvido que muitos estejam transgredindo flagrantemente o quarto ou o sétimo mandamento. Tenho absoluta certeza de que a maioria de nós já obteve vitória sobre o botequim, o salão de baile, e o desejo de furto ou de fraudar o próximo. Minha associação com nossos obreiros me leva a crer que, pela graça de Deus, progredimos além dos passos elementares do viver cristão. De quando em quando, um de nossos obreiros cai moralmente, porém a grande maioria de nossos homens combate o combate e, pela graça de Deus, ergueram-se com a mente pura. Agradecemos a Deus pelo desenvolvimento que fizemos na edificação do caráter cristão. Mas talvez haja alguns setores onde não temos reproduzido sons de alta fidelidade. Quase sempre é nos princípios intangíveis ou nos setores das fronteiras que descobrimos ser difícil refletir com perfeição a imagem de nosso Redentor.

O comportamento humano fracassa em três grandes categorias ou setores de atividade. O primeiro pode ser definido como o setor da lei positiva. Neste setor a lei dos dez mandamentos define nossos princípios morais. As leis do país definem os atos anti-sociais que reclamam penalidade. Neste restrito setor podemos geralmente determinar o que devemos ou o que não devemos fazer.

Do outro lado há, então, o que podemos chamar o setor da livre escolha. Nesta esfera prescrita podemos tomar nossas próprias decisões e agir como nos apraz. É neste setor que dizemos indelicadamente às pessoas:

— Não é da sua conta o que faço.

Entre estes dois domínios, contudo, há outro setor descrito num editorial no *New York Times* como a lei não imposta por códigos, a lei não formulada. Pode ser considerado como o mais importante dos três. Não se faz aqui nenhuma determinação específica no tocante ao que o indivíduo pode ou não pode fazer.

Contudo ele não é inteiramente livre. Em algumas circunstâncias as restrições são tão grandes que têm o efeito de uma definição positiva. É uma lei de restrição que se impõe por si.

Para ilustrar: Não há muito um grande navio foi apanhado por um tufão em águas japonesas. Havia milhares de pessoas a bordo enquanto as ondas se precipitavam impetuosamente sobre ele. Uma lei não formulada fez com que os homens cedessem o salvamento de mulheres e crianças em primeiro lugar. Muitos homens cresceram à sepultura líquida para não quebrarem aquele código de ética. O mesmo ocorreu em relação ao maldado *Titanic*, sobejamente conhecido nos anais das tragédias marítimas. Esta lei que se impõe por si quanto à maneira correta de agir, assume freqüentemente a força de lei positiva. Há de imediato obediência a um código que ninguém pôs em vigor.

Lord Moulton conta a história de sua juventude, a qual o ajudou a compreender a importância desta lei de restrição. Seu pai havia cuidadosamente plantado um pequeno e frágil marmeleiro no quintal da frente. Crescendo a planta, chegou ao ponto de produzir fruto. O rapaz muitas vezes estalara os lábios ao saborear a magnífica geléia de marmelo que freqüentemente aparecia à mesa no jantar. Este ano, porém, só havia um grande marmelo. O pai estabeleceu uma lei que foi positiva e enfaticamente dada. Estatuía a lei: "Não apanharás o marmelo enquanto eu não der ordem."

Foi uma tentação tremenda para este jovem aristocrata, pois dia a dia enquanto se avolumava o marmelo, seu peso fazia vergar o galho até ficar à altura da bôca. Lembrando-se do sabor do maravilhoso doce de marmelo, ansiava provar o fruto que cativara o interesse de toda a família. Todos os dias, ao entrar e sair pela porta da frente, os apelos do estômago do rapaz se tornavam cada vez mais fortes. Finalmente concebeu um plano que atendesse o desejo de seu coração e ao mesmo tempo cumprisse a letra da lei paterna. Concluiu que desde que a lei dizia "Não apanharás," ele apenas daria uma mordida na fruta saborosa e reluzente, sem nela pôr as mãos. Assim, cedendo a um impulso repentino, pôs a bôca debaixo do marmelo, abriu os maxilares o máximo que podia fazê-lo um menino faminto, resultando que quase a metade da polpa do suco de marmelo deslizou em suas mandíbulas.

Sua vontade se satisfez imediatamente; mas a seguir começou a perguntar-se o que aconteceria quando o pai fizesse a inspeção diária do apreciado fruto. Raciocinou que o pai não podia puni-lo, porquanto obedecera a letra da lei. Ao chegar a casa naquela noite, notou o pai imediatamente a tragédia do belo marmelo. Lord Moulton foi chamado imediatamente.

— Sim, pai — disse ele — dei uma dentada no marmelo, mas obedeci a lei que dizia "Não apanharás."

Diz ele: "Quando meu pai avançou em minha direção com a mão erguida concluí que

o argumento que aduzi em minha defesa falhara. Porém em vez de bater-me, deu-me umas palmadinhas no ombro, cumprimentou-me pela minha astúcia, e a seguir logo acrescentou que iria pendurar o marmelo na sala de modo que tôda a família e nossos amigos ficassem cientes de seu brilhante filho.”

Durante duas semanas a tôdas as pessoas que entravam na sala de estar se contou a história de seu brilhante filho que tão sômente mordera o marmelo para cumprir a letra da lei. Como consequência, parecia ao menino que tôda a população da cidade fôra à sua casa aquela semana. E diz êle:

— E eu sempre estava presente, quando se contava o incidente.

Logo aprendeu e aprendeu bem que há em vigor uma lei que está acima de letra, uma lei nos domínios da não-imposição humana, a qual tem o mesmo efeito da lei positiva.

Esta lei opera, em primeiro lugar, entre as nações. Mas, ai de nós, hoje em dia as nações parece terem perdido seu código de ética e integridade. A lei não imposta por códigos que deve reger a amizade nacional e internacional decaiu muito nestes dias de pressão e força políticas.

Opera também na comunidade. Lembro-me bem de uma véspera de Natal em que nosso pequeno lar foi apanhado pelo fogo e quase se destruiu tôda nossa dispensa. A comunidade, porém, apegou-se a esta lei e trazia cestadas e cestadas de alimentos para suplementar nosso escasso suprimento.

Esta lei também opera nas relações de trabalho. As relações compreensivas de contratos ou de aumentos salariais ou de qualquer outro benefício extra. Mesmo as gratificações não produzem melhor compreensão. Não se originam de leis fixas que possam definir e preservar a decência e as boas maneiras em pormenores exatos. Contudo esta boa compreensão, e relações afetivas e sentimentos de camaradagem surgem e se originam de um completo conceito de integridade e responsabilidade pessoal — obediência a uma lei não estabelecida em códigos.

Descobrimos que esta lei opera também na igreja. Um membro não leva outro a um tribunal. Em I Cor. 6:1 lemos as seguintes palavras: “Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-la a juízo perante os injustos e não perante os santos?” Contudo nestes dias e neste tempo alguns têm transgredido esta lei não constante de códigos. Freqüentes vêzes vemos um irmão processando outro irmão nos tribunais do país. Êste princípio cai no domínio da lei ética que deve reger os membros da igreja — ou no setor da lei não imposta por código. Como membros da igreja não devemos quebrar esta lei, que veda um irmão tirar partido da situação do outro. Não devemos expor seus erros e faltas ao mundo; nem criticá-lo ou abusar de sua bondade. Êste setor também envolve a lealdade aos líderes, respeito e amor pelos professores bem como aos colegas.

Resido numa pequena comunidade adven-

tista onde tudo que se tem que fazer é dizer ao gerente do banco que se é obreiro adventista do sétimo dia para se conseguir empréstimo de quase qualquer importância de dinheiro com pequena garantia. Há algumas semanas um de nossos obreiros teve dificuldade na vida familiar, e a família separou-se. O marido e o pai deixaram o local a fim de conseguirem outro emprêgo. Logo ficámos sabendo que êle fizera um empréstimo de vários milhares de dólares no banco, dando como garantia sômente um velho carro. A lei não obrigava a Associação a responsabilizar-se pela dívida. Porém a lei não formulada dizia: “Êle é obreiro adventista. Foi devido a êste fato que o banco se dispôs a dar-lhe muito com tão apocada garantia.” Admirei quando o presidente da Associação disse:

— Irmãos, teremos que ser responsável por aquêle empréstimo no banco.

Isto é obediência àquela lei que nos deu reputação de bons clientes de empréstimo naquela comunidade.

Quase sempre, ao notarmos as faltas das pessoas, dizemos:

— Alguém devia fazer uma lei contra aquilo. Devíamos ter uma norma para abranger isto.

Na realidade, porém, os princípios envolvidos neste setor da lei não codificada não podem ser abrangidos pela lei positiva, pois não há processo de dar-lhe vigência; êles situam-se além e acima da lei ou da norma. Não obstante, são leis reais, fundamentais que obrigam o homem que ama ao Senhor e possui uma consciência.

A lei da igreja ou do Estado não pode impedir que o homem seja maledicente ou que deixe de plantar sementes malignas no coração de outros contra um inimigo. Não podemos determinar uma lei contra o ciúme ou a inveja. Há certos setores de honestidade que podem ser abrangidos pela lei positiva, porém há muitos outros que envolvem integridade em assuntos financeiros, que a lei não pode reger. Os presidentes de campo não podem legislar sobre quantos estudos bíblicos pode um obreiro dar num mês, ou quantas horas se espera que o ministro empregue para o Senhor antes de ter cumprido plenamente seu dever. Êste setor indefinido requer homens e mulheres sinceros para com a lei não formulada em códigos. É aqui que necessitamos de alta fidelidade no rendimento final. Cristo prometeu que, ao entrar na vida da pessoa, produzirá o desejado caráter, se tão sômente permitirmos que Êle o faça.

Tenho-me impressionado por estas declarações da mensageira do Senhor:

“Os homens que ocupam posições de responsabilidade devem melhorar continuamente. Cumpre não se ancorarem numa antiga experiência, e achar que não precisam tornar-se obreiros capazes. O homem, embora a mais impotente criatura de Deus ao vir ao mundo, e a de natureza mais perversa, é não obstante capaz de constante progresso. Pode ser esclarecido pela ciência, enobrecido pela virtude, e progredir em dignidade mental e moral

até que chegue à perfeição da inteligência e a uma pureza de caráter apenas um pouco inferiores às dos anjos. Com a luz da verdade a brilhar na mente humana, e o amor, de Deus derramado em seu coração, é inconcebível o que se pode tornar, e que grande obra pode fazer." — *Test. for the Church*, Vol. 4, pág. 93.

Há grande fraqueza no amor próprio, na própria exaltação e no orgulho; na humildade, porém, há grande força. Não mantemos nossa verdadeira dignidade quando pensamos

mais em nós mesmos, mas quando Deus Se encontra em todos os nossos pensamentos, e temos o coração ardendo em amor por nosso Redentor e nosso semelhante. A simplicidade de caráter e a humildade de coração produzirão felicidade, ao passo que a presunção ocasionará descontentamento, murmuração e contínuas decepções. É aprender a pensar menos em nós e mais em tornar outros felizes, que nos trará força divina." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 1, pág. 403.

---

## Nosso Ministro

C. L. TORREY

Tesoureiro da Associação Geral

**QUANDO** eu era rapazinho, viviam meus pais numa cidadezinha situada a sessenta milhas da igreja adventista mais próxima, no tempo das charretes, em que o povo não trabalhava longe do lar.

Um ministro nos visitava uma vez em um ou dois anos e isso constituía grande acontecimento em nosso lar. Falávamos a respeito deste homem piedoso por semanas depois que nos deixava, lembrando suas palavras e ações, e seu profundo interesse por nós. Costumávamos também contar os dias em que deveria voltar na próxima visita.

Posteriormente, um ministro se transferiu para nossa cidade e iniciou uma série de conferências públicas. Naturalmente estivemos presentes a todas elas. "Nosso ministro", como o chamávamos, e sua esposa eram pessoas abnegadas. Falavam da renúncia e a praticavam na vida.

Todos gostavam de nosso ministro, exceto os pregadores de outras denominações, que perderam alguns de seus membros que vieram para nossa igreja. Então nosso ministro foi atacado, e os adventistas em geral ridicularizados e depreciados. Tudo isto naturalmente exerceu certo efeito em minha vida, porquanto tinha que freqüentar a escola pública até que uma escola paroquial adventista fôsse instalada. Nosso pregador sabia exatamente o que dizer para amenizar a ferida de nosso coração e animarmos a sermos fiéis diante do escárnio e das chacotas da parte dos colegas não adventistas.

Desde então passei a analisar o caráter de nosso ministro, que me batizou e que desempenhou tão importante parte em me encorajar na vida cristã. Antes de tudo, êle amava ao Senhor. Não era preciso que alguém privasse com êle muito tempo para verificar isto. Dava tudo que podia para a causa — seu coração, seu tempo e todo dinheiro que pudesse poupar nas reais despesas da vida. E em sua esposa residiam a simplicidade e a frugalidade não somente porque necessitava fazê-lo tendo em vista o reduzido salário do

espôso, mas porque êle queria dar tudo que pudesse ao Senhor para finalizar a obra.

Êle amava o povo e via em cada pessoa uma alma por quem Cristo morreu. Trabalhava incansavelmente, visitando todos que o ouviam e orando com êles. Não tinha "side lines" (atividade remunerada suplementar), porém entregava-se plenamente a si mesmo à sua obra pastoral e evangelística. Estou certo de que seu lema era: "Uma coisa faço."

A luz em sua casa ficava acesa até tarde enquanto estudava e orava. Seus sermões eram práticos, e nos ajudavam muito à medida que os aplicávamos em nosso viver diário. Seus sermões baseavam-se na realidade — a realidade de Cristo, a realidade do pecado, a realidade do perdão, a realidade da Nova Terra, etc. Era Cristo o tema de todos os seus sermões, e lembro-me como nossos corações ardiam quando nos falava acerca de S. Mateus 24:14, e de sua fé em que a obra de Deus seria concluída de acordo com Seu plano. Na verdade os membros da igreja adventista eram poucos naqueles dias. Tínhamos apenas poucos milhares em todo o mundo, mas firme e vigorosa era sua confiança na conquista evangélica em escala mundial.

Exercia profunda e duradoura impressão em seus ouvintes porque vivia como pregava. Jamais o vi argumentar com pessoas acerca da verdade que proclamava. Fôra desafiado para debates, especialmente sobre a verdade do sábado, porém dizia que nada se haveria de ganhar em debates, pois as pessoas se tornavam iradas e intransigentes como consequência. Tenho certeza, no entanto, que se tivesse aceitado o desafio, teria vencido o debate devido sua personalidade notável e seu conhecimento da Bíblia.

Nosso ministro não era eloqüente como entendemos a eloqüência, porém quando pregava, fazia-o com poder, e o povo tinha a impressão de que lhes falava pessoalmente. Pela sua sinceridade e conhecimento da Palavra de Deus, ganhou almas para Cristo. Há uma eloqüência muitíssimo mais poderosa do que

a eloquência das palavras, na vida silenciosa e coerente do verdadeiro cristão. O que o homem é exerce mais influência do que o que diz. A eloquência pode ser um dom ou pode ser adquirida. Se o pregador possui este dom e é humilde e consagrado, e o emprega para a glória de Deus, certamente pode tornar-se instrumento poderoso nas mãos de Deus para proclamar a mensagem. Por outro lado, creio que o pregador que não foi dotado no que concerne à eloquência, mas cujo coração é dedicado à obra de Deus, sendo consagrado e sincero, terá o poder de Deus sobre si, e alcançará êxito na obra de ganhar almas.

Nosso ministro tinha um programa bem equilibrado. Pregava a Palavra, estudava com o povo, ganhava-o para a mensagem, batizava-o, animava-o a ser fiel e ganhar outros. Punctua-lhes no coração a responsabilidade financeira de sustentar a causa com dízimos e ofertas voluntárias. Incutia-lhes na vida a alegria de dar, e os membros compreendiam seu dever e privilégio de devolver a Deus uma parte daquilo que lhes confiava, e davam livremente e de boa vontade.

Satanás opera continuamente para desviar a mente do povo de Deus, da responsabilidade de sustentar campanhas evangelísticas da igreja e finalizar a obra em todo o mundo, dirigindo-lhe a mente para as coisas materiais da vida. Às vezes os próprios ministros, não estando alerta e vigilantes, são enredados nos ardis do tentador.

É animador estudar o crescimento de nossa obra à luz dos esforços consagrados de nossos ministros em todo o mundo. Trabalham em quase todos os países da Terra em milhares de idiomas e dialetos. Somos presentemente uma organização madura com mais de cem anos de idade. Nossa coletividade de membros cresceu rapidamente de modo especial nos últimos anos. O que levou sessenta e três anos para se realizar, com referência à nossa coletividade de membros durante os anos de 1863 a 1927, levou apenas cinco anos entre 1950 e 1955, e a nossa coletividade continua crescendo até presentemente exceder a um milhão.

É verdade que operamos em quase todos os países do mundo, porém a tarefa no interior desses países é ainda muito grande. Pensemos também nas muitas regiões nos Estados Unidos e Canadá — campos de sede-base da obra — onde tantas almas até agora não ouviram nossa mensagem. Sem dúvida, como um povo temos ainda uma grande obra para realizar.

Aprendi desde os dias de minha juventude que a denominação dos adventistas do sétimo dia havia adotado o plano do dízimo bíblico. Nosso pregador sabia tudo sobre isto, e o pôs em funcionamento na igreja. Era original o plano em que o dinheiro devia ser mandado para a tesouraria da Associação, e utilizado exclusivamente no sustento do ministério. Ministros de muitas denominações reconheciam e reconhecem ainda o valor do plano dízimal, porém não têm sido capazes de obter a aquiescência de seus congregados em pagarem um décimo de suas rendas à igreja. Nossos pastores julgam desnecessárias quermesses, rifas, etc., a fim de prover fundos para seus empreendimentos.

As ofertas voluntárias arrecadadas nas escolas sabatinas, a recolta, e ofertas especiais são remetidas pelos canais competentes à tesouraria da Associação Geral. Por seu turno, a Associação Geral em cada concílio ottonal faz a apropriação ou distribuição de fundos para a obra mundial, provendo salário dos ministros e gastos ligados às missões em outras terras. À medida que novos membros são ganhos para a igreja e as ofertas aumentam, fundos adicionais se formam para intensificar as apropriações para o trabalho de Deus. Isto capacita os campos a expandirem seu trabalho. Nosso sistema de finanças se demonstrou ser uma grande bênção através dos anos.

Creio, como fruto de minhas observações, que os membros de nossa igreja amam o dar para a causa. Ouvi certo pastor expressar seus receios de que seus membros se empobreceriam por contribuírem tanto, e por isso precisariam ser protegidos contra o que êle averbou de "dar em excesso". Não sei de uma pessoa sequer de nosso povo que tenha sofrido por ter contribuído para a causa de Deus.

Ministros, ou obreiros, ocupam os cargos mais importantes no desempenho da grande comissão. O Senhor pôs sobre eles pesadas cargas. São os guardas do rebanho. Temos uma mensagem maravilhosa; ela avança para todo país, não conhece fronteiras, penetrou em centenas e milhares de lares, e tocou e converteu corações, ganhando-os para Cristo, pois ela é o poder de Deus para a salvação.

Quero pagar tributo a nossos irmãos que ministram. Sua lealdade e devoção à causa e ao dever tem sido uma inspiração para o nosso povo. É através de seus consagrados esforços e das bênçãos de Deus sobre nosso trabalho que a mensagem tem progredido com tanta rapidez.





## O Lugar da Oração ao Tomarmos Decisões

HAROLDO L. CALKINS

Pastor da Associação da Califórnia do Sul

“UNICAMENTE o trabalho realizado com muita oração... demonstrar-se-á afinal haver sido eficaz.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 269. Em nenhum outro trabalho isto é tão exato do que no de ganhar homens e mulheres para Jesus Cristo. É unicamente mediante a graça divina que pode ocorrer o milagre do novo nascimento. Nenhum obreiro que trabalha pelas almas pode esperar resultados permanentes a menos que, por meio da oração, se apodere do poder divino. O próprio Cristo, de Si mesmo, nada podia fazer.

“O fator humano mais importante no evangelismo eficaz é a ORAÇÃO. ... Tem havido grandes avivamentos sem muita oração, e tem havido grandes despertamentos sem organização absolutamente nenhuma, porém jamais tem havido um verdadeiro reavivamento sem muita oração,” diz R. A. Torrey em “O Lugar da Oração no Evangelismo.” — *Fundamentals*, Vol. 12, pág. 97.

Foi a muita oração que determinou as três mil decisões no dia de Pentecostes. A oração foi responsável pelo êxito de Paulo como ganhador de almas. Disse êle: “Incessantemente faço menção de vós em minhas orações” (Rom. 1:9).

O grande despertamento ocorrido pela influência de Jônatas Edwards, no século dezoito, teve início com seu “Chamado à Oração.” Foram aquelas reuniões de oração junto das medas de feno que levaram Adonirão Judson à Birmânia como tocha inflamada. Em seus reavivamentos em Nova York, onde se menciona que 100.000 pessoas se uniram à igreja, o próprio Carlos Finney atribuía seu êxito a seus associados na oração e ao espírito de oração que acompanhava suas reuniões. Mais recentemente Billy Graham admitiu o êxito a todo o esforço de Nova York em orar. “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo”, sim muito pode hoje na obra da conquista de almas, onde a força humana pode tão pouco.

Se, no serviço do santuário, os sacerdotes cumpriam seus solenes deveres no meio de uma nuvem de incenso, quanto muito mais importante é para o ministro fazer seu trabalho para Deus numa atmosfera de oração. Contudo, muitos se mantêm tão ocupados com

as atividades da igreja e outras boas obras que há o perigo de sua vida de oração ser negligenciada e sua alma perdida.

### Referências Bíblicas à Oração

As Escrituras estão repletas de exemplos de oração e sua eficácia no ganho de almas. Eis uma breve relação destas experiências:

- |                    |  |
|--------------------|--|
| Gên. 18:23-33      | Abraão orou pelo livramento de Ló em Sodoma.   |
| Êxo. 32:31-33      | Moisés orou pela salvação do povo depois do acontecimento do bezerro de ouro.            |
| Jó 42:10           | Jó orou pelos seus amigos.   |
| I Reis 18          | Elias orou pela restauração do culto ao verdadeiro Deus.                                 |
| II Crôn. 7:14      | Deus prometeu perdoar pecados e sarar a terra em resposta à oração.                      |
| S. Luc. 3:21 e 22  | Jesus orou, por ocasião de Seu batismo, e o Espírito Santo O ungiu.                      |
| S. Luc. 6:12 e 13  | Jesus orou antes de escolher Seus discípulos.  |
| S. Mat. 14:23      | Jesus orou pela Sua congregação.   |
| S. Luc. 5:15 e 16  | Jesus Se retirou das multidões para orar.  |
| S. Luc. 22:31 e 32 | Cristo orou em favor de Pedro, para que sua fé não desfalecesse.                         |
| S. João 14:16      | Jesus orou para que outro Consolador ajudasse Seus seguidores.                           |
| S. João 17         | Jesus orou pelos seguidores até o fim do tempo.  |
| S. Mat. 26:36      | Jesus orou por Si mesmo no Getsêmani antes de fazer o sacrifício pela salvação do mundo. |
| S. Luc. 23:42      | A oração simples do ladrão na cruz redundou em sua salvação.                             |
| Atos 1:14          | Os discípulos permaneceram firmes em oração antes de receberem o Espírito Santo.         |
| Atos 2:42          | A igreja primitiva tinha grupos que oravam diariamente nos lares.                        |
| Atos 3:1-8         | Pedro e João foram ao templo na hora da oração, e o coxo foi curado.                     |
| Atos 9:11-18       | Paulo orou e sua vista foi restaurada.   |
| Atos 12:5          | A igreja orou pelo seu mais vigoroso pregador.   |
| Atos 16:25-33      | Paulo e Silas oraram na prisão e o carcereiro se converteu.                              |
| I Tim. 2:1         | Paulo disse que devemos orar por todos os homens.  |

Três valiosos passos que qualquer pregador pode dar para garantir o poder do Espírito

Santo sobre o culto são apresentados por F. D. Whitesell na seguinte passagem:

“Primeiro, pode levantar-se bem cedo no domingo para orar, pelo menos, uma hora em favor de suas mensagens e pelo trabalho do dia. Pode orar pedindo poder divino e a união do Espírito enquanto prega, pela união do coração e vontade do povo, pela derrota de Satanás, e pela salvação de almas e edificação dos santos. Segundo, pode reunir-se com os diáconos num círculo de oração de quinze ou mais minutos antes do início do culto. Terceiro, pode ensinar todo o povo a orar por êle enquanto prega. Podem êles elevá-lo por meio da oração e devem ser ensinados que é da responsabilidade dêles assim fazer.” — *The Art of Biblical Preaching*, pág. 87.

### O Motivos da Oração

O maior objetivo na oração é a salvação eterna de alguma alma. É básico para oração o conceito do valor da salvação de uma alma, e que significa alguém da congregação perder-se. São estas as questões em jôgo em tomar-se decisões. O ministro, considerando estas profundas alternativas, não pode deixar de prostrar-se em oração.

“Quem pode calcular o valor de uma alma? Se quiserdes conhecê-lo, ide ao Getsêmani, e vigiai lá com Cristo durante aquelas horas de angústia, quando suava grandes gotas de sangue. Contemplai o Salvador crucificado! Ouvi o brado de desespero: ‘Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?’ S. Mar. 15:34. Vêde a fronte ferida, o lado traspassado, os pés perfurados! Lembrai que Cristo tudo arriscou! Para a nossa redenção o próprio Céu esteve em jôgo. Recordando ao pé da cruz que Cristo teria dado Sua vida por um único pecador, podeis apreciar o valor de uma alma.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 196.

Com uma decisão de tal importância a ser feita, é imperativo que o apêlo seja apresentado no espírito de Cristo. Deve o ministro sentir, tão profundamente como pode um mortal, a solene responsabilidade que sobre si repousa de ser embaixador de Cristo “como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois rogamos que vos reconcilieis com Deus” (II Cor. 5:20). Deus apela aos homens através de outros homens. O ministro deve exortá-los com todo o fervor do Salvador. Tais apelos não podem ser feitos sem serem precedidos de oração fervorosa.

### O Apêlo do Ministro

Compreendemos que o coração do pregador tem que estar preparado antes que possa fazer o apêlo. Não nos esqueçamos, porém, de orar para que o coração dos ouvintes possa também estar preparado para corresponder ao apêlo. A congregação deve sentir que não se trata precisamente de um homem falando aos homens, mas de Deus falando por meio de lábios humanos, convidando-os a escolher a vida eterna em lugar da destruição. O destino dêles está na balança. Devem decidir a favor ou contra o Senhor. Fazer um apêlo desta espécie em lugar de Cristo constitui um êxito — mesmo que ninguém corresponda na ocasião.

Na atmosfera da oração o pastor pode falar livremente, sem compulsão, porque detrás do apêlo está a autoridade do Senhor Jesus Cristo. É Ele Aquêlo que os indecisos agora enfrentam. A Ele terão que responder.

### A Oração Ajuda o Povo a Decidir-se

Perdemos decisões por Cristo por falta de oração? Jesus orou pela conversão de Pedro (S. Luc. 22:31 e 32). Realmente, a oração foi um apêlo. Quão confiante estava o Senhor de que seria atendido, que Pedro dissesse “Sim”. O apêlo e o impulso positivo que sacudiu a Pedro jamais foram esquecidos.

Em relação aos “que estão mortos em delitos e pecados,” Ellen G. White diz: “Que vossas orações fervorosas lhes toquem os corações, e os conduzam em arrependimento ao Salvador.” — *Evangelism*, pág. 22. O orar com as pessoas freqüentemente exerce o efeito de amaciar corações duros; transpõe obstáculos; suplanta preconceitos. A serva do Senhor conclui:

“Quando vos encontrardes com aquêles que, como Natanael, têm preconceitos contra a verdade, insistis com demasiado vigor em vossos pontos-de-vista peculiares. Falai-lhes de início sobre assuntos com os quais possam concordar. Inclinaí com êles em oração, e em fé humilde apresentai vossas petições ao trono da graça. Tanto vós como êles podereis chegar a uma ligação mais íntima com o Céu, o preconceito será enfraquecido, e será mais fácil alcançar o coração.” — Em “Practical Addresses” (1885), *Historical Sketches*, pág. 149. (Grifos supridos.)

Este método aplica-se tanto a grandes grupos como a contactos individuais. A oração muda as coisas. A oração muda as pessoas. Elimina objeções e provê forças para se tomarem decisões. “Não é o bastante orar pelos homens; precisamos orar com êles e para êles.” — *Evangelism*, pág. 641.

A mesma escritora diz em Carta 77, 1895:

“Orai com estas almas, levando-as pela fé, ao pé da cruz; elevai sua mente com a vossa, e fixai o olhar da fé, donde estais, para Jesus, o Portador do pecado. Fazei-as abandonar o pobre eu e achegarem-se ao Salvador, e a vitória está ganha.” — *Evangelism*, pág. 299.

Jesus orou diante da multidão (S. Mat. 14:19). Alguma impressão da eternidade se fez enquanto trazia o povo em contacto com Deus através de Suas palavras. Na cruz, Jesus não pregou. Orou: “Pai, perdoa-lhes” (S. Luc. 23:34). Não podemos avaliar os resultados, mas o ladrão correspondeu e disse: “Senhor, lembra-te de mim” (verso 42), e o centurião expressou sua convicção dizendo: “Verdadeiramente êste homem era justo” (verso 47).

O Pentecostes e a queda da chuva temporã foram resultado de muita oração. A chuva serôdia virá somente como resultado de uma experiência de oração pentecostal na vida e no ministério dos apóstolos de hoje. Que estamos fazendo para isto, irmãos? Oremos sem cessar para que, ao trabalharmos para Deus, o coração dos homens e mulheres sejam convencidos e convertidos e dessa forma a vinda de Jesus seja apressada. Então todos podemos ir ao lar com Ele e reinar com Ele por toda a eternidade.

# O Ministro Como Professor

G. T. ANDERSON

Diretor do Colégio de Médicos-Evangelistas

“O SERVO do Senhor... convém... ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem” (II Tim. 2:24 e 25). Estas palavras constituem parte de um capítulo que contém o perfil de Paulo como ministro-professor. Foram escritas imediatamente antes de seu martírio e contém admoestações finais a seu aluno Timóteo e à igreja nascente. Paulo aqui descreve as qualidades pessoais que o bom professor deve possuir. Deve ser cortês e tolerante e não irascível. Não deve ser impaciente, áspero e intolerante em face da ignorância, da baixa compreensão ou mesmo do antagonismo. Não deve gritar e ralhar com os ouvintes ou censurá-los com sarcasmo e desprezo. Deve ser infinitamente paciente mesmo com os que rejeitam a luz, e continua a instruí-los com persistência e delicadeza.

Paulo revela raro discernimento das qualidades que distinguem o ensinador cristão dos demais. O espírito de Cristo é persuasivo. Não confere orgulho de posição, condescendência com o que aprende, nenhuma suposição de onisciência, e nenhuma tentativa de argumentação para provar erro de outros. Isto torna o professor menos um pedagogo e mais um canal que transporta correntes de conhecimento e sabedoria.

Cristo foi o Mestre — o maior educador que o mundo jamais conheceu. Seus contemporâneos, quer amigos quer opositores, chamavam-no *Rabi*, e Seus seguidores eram conhecidos como discípulos. Quando Nicodemos a Ele se dirigiu, à noite, chamou-O “Rabi”, que é palavra de respeito para os professores, e prosseguiu dizendo: “Sabemos que és mestre, vindo de Deus.” Parece que Cristo deu mais impulso à Sua aceitação como ensinador. Embora dispendesse muito de Seu tempo em curar, foi a instrução pessoal que acompanhou Sua obra de que dependia para tornar impressivas as lições da verdade na mente daquela geração.

Há diferenças evidentes entre a técnica do ensino e a da pregação. A pregação utiliza-se de discurso formal para alcançar grupo maior. A congregação não formula perguntas nem se põe a debater durante o culto. O ministro, discursando à congregação, objetiva inspirar os ouvintes e estimulá-los à ação virtuosa. O ministro, quando atua como professor, fala mais intimamente e mais pessoalmente a um menor grupo de pessoas. Atende os comentários e indagações delas. Exerce influência na mente deles e tem como alvo comunicar-lhes conhecimento e verdade.

Considerando-se por estes critérios, poucas vezes houve que Cristo desempenhou a parte de um pregador formal. O Sermão do Monte é o grande e conclusivo discurso religioso. A maior parte dos relatos evangélicos descreve-

O como ensinando a grupos pequenos e íntimos, fazendo-lhes perguntas e revelando-lhes, por meio de ilustrações as verdades que lhes era importante aprender. Somos aconselhados que em nosso próprio ministério “tem que haver menos sermões e mais tacto para educar o povo na religião prática.” — *Test. for the Church*, Vol. 6, pág. 88.

Ao dar Cristo a comissão aos discípulos, ordenou-lhes que fôssem e *ensinassem* a todas as nações as coisas que lhes tinha mandado. Devem curar e ministrar aos necessitados, e fazer muitas outras coisas, porém jamais devem esquecer-se ou negligenciar a grande ordem de ensinar. “A igreja cristã tem estado melhor nas épocas em que toma mais a sério sua missão de ensinar.” — Gilbert Highet, *The Art of Teaching*, pág. 270.

Se devemos ensinar como Cristo ensinou, podemos dispender algum tempo estudando seus métodos. Dizem-nos os Evangelhos que Ele ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas e fariseus. Estes homens estavam impregnados de tradição e pareciam ter poucas idéias originais. Cristo, por outro lado, tinha perfeito conhecimento das Escrituras, e aplicava seus princípios às situações embaraçosas que defrontava. Não hesitava em emitir Seu próprio pensamento, e sua base de conhecimento ultrapassava em muito a dos eruditos doutores da igreja que frequentemente se Lhe opunham e O desafiavam.

O conhecimento de Cristo era experimental. Quando falava de Deus como Pai, falava da intimidade de Sua relação como Filho de Deus. Dera aos discípulos uma oração-módulo extraída da riqueza de Sua comunicação com o Pai. Suas admoestações sem relacionar-se indevidamente com as coisas materiais desta vida eram reforçadas pela Sua própria confiança na providência de Deus que Lhe provia o alimento e o vestuário e um lugar para estender a cabeça. Ao dizer: “Coisa mais bem-aventurada é dar do que receber”, isso procedia da experiência de alguém que continuamente dava sem esperar recompensa ou paga pelos Seus benefícios.

Cristo tinha objetivos definidos em Seu ensino. Objetivava em primeiro lugar comunicar conhecimento espiritual, e depois incitar Seus ouvintes e alunos à devida ação. Ao demonstrar-lhes a compaixão e a generosidade do samaritano e mostrar-lhes a identificação de próximo, esperava Ele que eles se tornassem o próximo também onde vissem um necessitado. Ao revelar Suas parábolas preciosos aspectos da verdade, os ouvintes eram convidados a esquadrihá-la como a um tesouro oculto ou prata e preciosas pérolas perdidas. O amor do pai pelo filho pródigo convidava-os a retornarem ao Pai celestial, sem importar quão

longe se haviam extraviado. O curso de lições para os próprios discípulos preparava-os a ir ao mundo e viverem e morrerem por Ele — impressionante exemplo da eficiência de Seu ensino.

Cristo demonstrou o poder do entusiasmo no professor. A origem da palavra *entusiasmo* provém do grego, e significa literalmente “possuído por Deus”. (*en-thou-siasmós*). Partindo daí o sentido ampliou-se para incluir a devoção apaixonada por outras causas. Mas o entusiasmo original significava um homem possuído de zelo para com Deus. Cristo possuía uma paixão absorvente pela Sua obra. Os que se acercavam d’Ele eram inflamados pela chama que Ele possuía, e por ocasião do Pentecostes e posteriormente, aquele divino entusiasmo impulsionou Seus discípulos a espalharem o Evangelho por todos os rincões do mundo antigo.

Esta é a espécie de ensino que o ministro é chamado a realizar. A despeito da necessidade que tem de agir como administrador, conselheiro, educador, perito em relações públicas, pregador e homem de família, deve ele dar à obra de ensinar a ênfase que Seu grande Exemplo nela pôs. As qualidades de ensino que Cristo demonstrou serão o ideal em cuja direção deve esforçar-se o ministro.

Por mais que o ministro-ensinador seja eficiente, é imperativo que seja ele próprio um aluno. Este princípio é evidente, quase trivial, mas freqüentemente é claudicado. É amparado por estas duas citações, selecionadas de muitas, dos escritos da inspiração:

“Cada ensinador deve ser um aprendiz, a fim de que seus olhos possam ser unidos para ver as evidências da ativante verdade de Deus.” — Testimonies to Ministers, pág. 23.

“Muitos ensinadores da verdade deixam de ser alunos, cavando, cavando sempre a verdade como a tesouros ocultos. Sua mente alcança uma norma comum e baixa; porém não procuram tornar-se homens de influência — não por causa de ambição egoísta, mas por amor de Cristo, para que possam revelar o poder da verdade sobre o intelecto.” — Fundamentals of Christian Education, pág. 120.

Um artigo de certa revista, intitulado “O Teólogo e o Pregador”, contém os seguintes comentários sobre este ponto de ser o professor um erudito:

“Como se observa, enfrentam-nos perigos antitéticos de uma ênfase desmedida ou falta de ênfase sobre a erudição no ministério. E o perigo de subestimar a cultura é muito mais prevalecente e ameaçador. Em nossos círculos evangélicos hoje em dia temos sucumbido a uma enfermidade que parece afligir toda a vida americana: esse mal é o antiintelectualismo, o temor contaminante de ser um grande cérebro. ... Esta é a razão por que falta aos nossos sermões profundidade e poder. Esta é a razão por que nosso evangelismo é superficial,

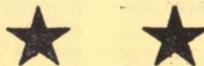
de frases feitas e insípido. Esta é a razão por que falhamos em produzir fortes impressões nas forças usurpadoras do liberalismo. ... Esta é a razão por que ficamos frustrados e desorientados ao nos defrontarmos com o mundo e suas ideologias em conflito. ... E esta é a razão por que o evangelismo tem sido abandonado por muitas pessoas inteligentes e por grandes massas no Oriente e na África, numa preferência que conduz à morte. ... O pastor deve correlacionar a revelação divina com a situação humana.” — Vernon Grounds, em Christianity Today, 9 de junho de 1958.

O desenvolvimento de atitudes eruditas e ampla formação de conhecimento envolve dois problemas: melhor emprêgo do tempo do ministro, e muito esforço. Pelo fato de o ministro ter que falar muitas e muitas vezes ao mesmo grupo de paroquianos, precisa armazenar considerável reserva de idéias e material, ou do contrário sua vitalidade logo se exaurirá. É seu dever prover carne espiritual para a parte mais culta da congregação, bem como o leite espiritual para as criancinhas intelectuais. O emprêgo diligente e mais produtivo do tempo abastecerá seu celeiro mental e espiritual, e ajudá-lo-á a tornar-se o professor inspirado que deseja ser.

A semelhança do Mestre a quem segue, o ministro-ensinador cristão precisa falar com base no conhecimento experimental de seu assunto. O bispo Geraldo Kennedy nos conta de um grande professor que o influenciou mais do que outra qualquer pessoa em sua vida. Dê-le escreveu:

“Tive certa vez um grande professor que me perturbou mais do que qualquer outro homem que encontrei. Falava com convicção acérra de idéias cristãs que eu jamais experimentara e que representavam uma ortodoxia contra a qual eu havia sido advertido. Contudo as palavras caíram com poderoso impacto sobre meu espírito e, a despeito de minhas débeis tentativas crescentes de negar, elas não se apagaram. Julgo que a coisa que as tornaram difícil de se apagarem foi a certeza que o levava a falar facilmente e a convicção de algo que lhe era tão real como a respiração. Creio que me influenciou mais do que outra pessoa que jamais conheci, porquanto a autoridade de sua experiência era demasiado grande para ser contestada.” — His Word Through Preaching, pág. 94.

As admoestações de Paulo aos ministros-professores têm significado especial para nós hoje. Numa época em que a atividade tende a substituir o pensamento, em que a pressa elimina a delicadeza, em que o brilho inseguro obscurece a percepção compassiva, precisamos voltar ao seu sábio conselho. A obra de ensinar, de conduzir mentes dispostas aos tesouros da sabedoria, e corações fervorosos à glória do conhecimento de Deus, não é secundária a qualquer outra. Os que têm êxito “brilharão como o clarão do firmamento; e ... como estrelas para sempre.”





## “Vai Nesta Tua Fôrça”

M. FRIDLIN

Presidente da Divisão Sul-Européia

**T**ODOS estamos cientes do fato de que o evangelismo é e sempre será a tarefa mais urgente e importante que um servo do Mestre pode executar. Isto é hoje mais exato do que no tempo de Cristo, porque a hora está avançando. “As searas estão brancas para a ceifa,” e grande é a obra a ser levada a uma culminação bem sucedida.

É, portanto, dever e privilégio de todo obreiro empenhado no serviço de Deus aqui na Terra cooperar com tôda sua fôrça para a salvação de multidões que vivem no pecado e, conseqüentemente, estão destinadas à morte eterna.

Diante de tal imperativo e premente necessidade, não deveríamos ser mais fervorosos e incansáveis em nossos esforços de levar a mensagem a tôda a raça humana? É verdade que há evangelistas fiéis que, com zêlo e ânimo, se consagram de coração a esta missão. Alguns até se estão esgotando nessa tarefa. Falando, porém, de modo geral, estamos convencidos de têmos feito o máximo para salvar almas? Está aquela chama sagrada ardendo dentro de nosso coração, transformando-nos em mais eficientes ministros da Palavra? Temos recebido a permanente unção do Espírito de Deus sem a qual todos os nossos labôres serão desprovidos de poder? Satisfazemo-nos com os resultados obtidos? Ou temos que admitir que poderíamos tê-los maiores?

É triste realidade que mais de um obreiro em nossas fileiras, por uma ou outra razão, afrouxou seu ritmo evangelístico. Não concentra mais todos os talentos num trabalho frutífero perseverante. Muitíssimos ministros, especialmente entre os que trabalham sós, parecem estar satisfeitos com resultados minúsculos, esquecendo-se de que há ainda muitos molhos a serem postos no celeiro para o Senhor da seara. É a êstes que, no favor de Deus, desejamos dirigir estas palavras: “Animai-vos de novo! Ide, ceifai! O Senhor não vos deixará trabalhar sôzinhos.”

Ao trabalharmos no campo, encontrámos uma porção de obreiros que se sentiam inferiorizados em seus esforços, e descontentes com os poucos resultados de seus trabalhos. Ao buscarmos a razão para êste estado mental, descobrimos que estiveram a olhar para outros evangelistas que tinham facilidades à sua

disposição, as quais aquêles não tinham — salões amplos e bem localizados, grandes orçamentos que lhes permitissem levar a cabo eficiente campanha publicitária, equipamento moderno e muitos auxiliares.

— Oh, se tudo aquilo me fôsse dado — dizia um — também eu faria obra melhor e obteria melhores resultados. O salão onde faço pregações é, infelizmente, acanhado, meu equipamento é modesto, o orçamento para meu evangelismo é praticamente inexistente, e não tenho sequer um auxiliar. Em tais condições, como se podem esperar grandes coisas de mim?

Embora seja certo que a organização responsável da denominação deva esforçar-se por reabastecer, sempre com mais abundância, os fundos destinados ao evangelismo, e conquanto também seja certo que devemos nos limitar (na medida de nossas possibilidades financeiras) a utilizarmos dos meios mais aperfeiçoados de trabalhar que possamos obter, não é menos certo que jamais *todos* os equipamentos desejados podem ser postos ao alcance de *todos* os obreiros. Contudo, ninguém deve perder o ânimo por causa disso. O Senhor não depende dêstes agentes exteriores para levar a efeito Sua obra aqui na Terra. Ele confia a cada um de Seus servos uma *mensagem positiva*, com ordens de marchar que não os deixam na incerteza, dúvida ou desânimo. Ele assegura a todo obreiro como o fêz a Gideão: “Ês o homem de quem dependo para esta tarefa. ‘Vai nesta tua fôrça’; a fôrça que agora empregas para malhar trigo, emprega-a para uma causa mais nobre.”

Quando Deus chama um homem para o trabalho, dota-o na mesma ocasião de tôdas as qualificações necessárias para realizar aquêle trabalho. Prezado irmão de ministério, avança, não em vossa própria fôrça, mas no poder que recebestes do Senhor, e tereis êxito quaisquer que sejam os ambientes e as circunstâncias em que tereis que desenvolver vosso trabalho.

Bem sabia Gideão que as exigências do divino chamado excediam em muito suas próprias fôrças. Por essa razão, clamou: “Ai, meu Senhor, com que livrarei a Israel? eis que o meu milheiro é o mais pobre em Manassés, e eu o menor na casa de meu pai” (Juí.

6:15). Deus, porém, lhe deu a certeza: "Eu hei de ser contigo."

Quando Deus se torna nosso Dirigente, quando Ele comanda a batalha, erguendo bem alto Seu estandarte diante de nós, podemos partir em busca de almas e destemerosamente enfrentar o inimigo da verdade sem a preocupação aliás desnecessária quanto ao equipamento. "O Senhor pelejará por vós, e vos calareis." (Exo. 14:14). Nosso Pai celestial pôs o mais inexaurível poder do universo à nossa disposição para o evangelismo. Ele nos dá a certeza de que Jesus Cristo nosso Salvador batalhará por nós. É Ele quem nos conduz na batalha e que permanece como garantia de nossa vitória. Jesus e o Espírito Santo constituem nossos melhores instrumentos no trabalho em favor dos perdidos.

Em mais de um país da Divisão Sul Européia nossos obreiros têm que conduzir seu ministério em condições extremamente difíceis e angustiantes. Não lhes é permitido pregar abertamente a mensagem. Não podem alugar salões para realizar conferências. Toda forma de propaganda é estritamente proibida. E contudo a maior parte destes evangelistas estão realizando trabalho nobre e ganhando almas.

Ao visitar um destes campos menos favorecidos, um evangelista se salientou. Havia sido usado por Deus para trazer-Lhe quarenta e duas almas naquele ano. Pouco tempo depois o presidente daquele campo me informava que este mesmo obreiro — cujas únicas armas de combate são sua fé e sua Bíblia — havia trazido mais quarenta e seis pessoas para a igreja em 1958. Sua experiência não é excepcional naquele país. Outro evangelista batizou quarenta e uma almas num ano. Outros batizaram vinte e trinta. Estes fiéis servos de Deus, encorajados e auxiliados por leais membros da igreja, estão avançando

"nesta tua força" e o Senhor está com eles.

Acompanhando estes fatos, bem faremos em considerar as seguintes citações da mensagem do Senhor:

"Há necessidade, é certo, de despender dinheiro, judiciosamente, em anunciar as reuniões, e em levar a cabo a obra sobre bases sólidas. Contudo, ver-se-á que a força de cada obreiro reside, não nessas agências exteriores, mas na tranqüila confiança em Deus, na oração fervorosa a Ele, pedindo auxílio, e na obediência à Sua palavra. Muito mais oração, muito maior semelhança com Cristo, muito mais conformidade com a vontade de Deus, deve ser introduzido na obra do Senhor. Demonstrações exteriores e extravagante dispêndio de meios não realizarão a obra que há por fazer." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 342.

"A força humana é fraqueza, a sabedoria humana é loucura. Nosso êxito não depende de nossos talentos e do nosso saber, mas de nosso viver ligado a Deus. A verdade é desprovida de seu poder quando pregada por homens que procuram exibir a própria erudição e capacidade. ... Houvesse mais exaltação de Jesus e menos saliência do ministro, mais louvor prestado ao Autor da verdade e menos aos seus mensageiros, e ocuparíamos posição mais favorável diante de Deus do que ocupamos hoje." — *Test. for the Church*. Vol. 5, págs. 158 e 159.

Ele [o divino Filho de Deus] nos deu provas de que a oração é essencial a fim de receber forças para lutar contra os poderes das trevas, e realizar a obra que nos foi designada. Nossa própria força é fraqueza, mas a que Deus dá é poder, e fará a todo o que a receba mais que vencedor." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 1, pág. 222.

Todos estes ensinamentos providos da pena da serva do Senhor nos mostram o que é essencial para um ministério frutífero. Não são os meios exteriores — orçamentos, equipamentos ou sabedoria humana — os mais importantes. O que é valioso é estarmos dispostos a avançar em tôdas as circunstâncias, quer favoráveis quer desfavoráveis, na força que recebemos de Deus. Ministério abençoado e mais frutífero será o resultado de uma comunhão santa, pacífica e profunda com o Salvador.

## As Pessoas mais Enfêrmas são as que Menos Trabalham

TEM a igreja alguns críticos, dos quais alguns estão fora dela. Esses não me preocupam; eu simplesmente deles me afasto. Os que me preocupam são aqueles cujo nome consta no registo da igreja, mas para quem isso nada significa. Tais como o homem do poço de Betesda, lamentam-se de que ninguém os auxilie. Queixam-se: "O pregador nunca vai visitar-me... Não gosto da música... Vou, mas ninguém me cumprimenta... A igreja só quer o meu dinheiro... Muitos membros são hipócritas," e assim por diante, *ad infinitum, ad nauseam*.

Notei, porém, que quando o membro queixoso persiste em freqüentar a igreja, aprenderá-la com suas orações, presença, ofertas e atividade; encontra nela regozijo e fortaleza. A pessoa só consegue sarar quando inicia alguma atividade proveitosa. As mais enfêr-

mas, em geral, são as que menos trabalham. — Charles L. Allen, em *The Touch of the Master's Hand* (Fleming H. Rewell Company).

## Não Percebido, Mas...

SAUL fizera tudo menos a coisa mais importante de tôdas: obedecer os mandamentos de Deus. O capitão de um navio atravessou apressadamente o convés, aparentemente muito perturbado. Uma senhora fê-lo parar, e perguntou-lhe qual era a dificuldade.

— O fato, minha senhora, é que se quebrou o ferro submersível do leme.

Respondeu ela:

— Oh, não devo preocupar-me com isto, porque estando ele todo o tempo debaixo da água, ninguém o notará. — *3.000 Illustrations for Christian Service*.

# Trabalho de Equipe — Essencial ao Evangelismo

WALTER SCHUBERT

Secretário da Associação Ministerial da Associação Geral

**DURANTE** a última guerra mundial, dirigentes militares tornaram-se cientes do facto de que, ao serem os soldados enviados individualmente ao campo inimigo a fim de averiguar pontos por onde o exército pudesse romper, a maioria deles não cumpria a missão como se esperava. Aproximando-se sózinhos do campo inimigo, geralmente se tornavam receosos e desanimados, e procuravam mesmo ocultar-se. Dessa forma, os dirigentes nem sempre obtinham a informação que necessitavam para uma campanha de êxito.

Descobriram, contudo, que alguns homens, trabalhando em grupo, demonstravam coragem, tinham o moral elevado ao ponto de se tornarem heróis. Desde então, não mais se enviaram soldados sózinhos em missão especialmente perigosa; eram sempre enviados em equipe.

## Satanás Contra o Evangelismo

Ao entrar em contacto com almas para ganhá-las, o obreiro precisa sempre ter em mente que o evangelismo é um empreendimento de guerra contra Satanás, o qual com subtilidades e determinação mantém cada alma em seu poder o mais possível. Neste conflito, êle não combate só; tem a seu comando companhias e legiões de anjos caídos.

"Espíritos maus ... acham-se coligados para a desonra de Deus e destruição dos homens. ... No exército romano, a legião compunha-se de três a cinco mil homens. As hostes de Satanás são também arregimentadas em companhias, e a simples companhia a que pertenciam êsses demônios contava não menos que uma legião." — **O Conflito dos Séculos**, págs. 555 e 556.

"Satanás conjuga tôdas as forças, e arremessa ao combate todo o seu poder. ... Pouca inimizade há contra Satanás e suas obras, porque há tão grande ignorância a respeito de seu poder e maldade, e da grande extensão de sua luta contra Cristo e Sua Igreja. Multidões estão iludidas neste ponto. Não sabem que seu inimigo é um poderoso general, que domina a mente dos anjos maus, e que com planos bem elaborados e hábeis artificios, está a guerrear contra Cristo para impedir a salvação das almas. Entre os professos cristãos, e mesmo entre os ministros do evangelho, raramente se ouve uma referência a Satanás, exceto talvez uma menção ocasional, do púlpito." — **Idem**, págs. 549 e 550.

O evangelismo — conflito com Satanás e suas legiões que buscam a alma dos homens — somente pode ser vitorioso por meio da direção poderosa do Espírito Santo e da completa assistência dos santos anjos, enquanto seguirmos os planos de Cristo.

## Os Métodos de Cristo no Evangelismo

### Cidades e Vilas

Ao comissionar os discípulos para irem e

pregarem as boas novas, Cristo empregou um método que deveria ser lição objetiva para o ministério desde os Seus dias até ao tempo de Seu glorioso aparecimento.

"Chamando os doze para o pé de Si, Jesus ordenou-lhes que fôsem de dois em dois pelas cidades e aldeias. Nenhum foi mandado sózinho, mas irmão em companhia de irmão, amigo ao lado de amigo. ... Da mesma maneira, enviou Êle posteriormente os setenta. Era o desígnio do Salvador que os mensageiros do evangelho assim se associassem. Teria muito mais êxito a obra evangélica em nossos dias, fôsse esse exemplo mais estritamente seguido." — **Evangelism**, pág. 72.

Eis outra declaração pertinente ao assunto:

"Nunca foi o propósito de Deus que, como regra, Seus servos saíssem sózinhos ao campo de trabalho." — **Idem**, pág. 73.

Além disso, sabia a serva do Senhor do falso raciocínio que seria empregado como desculpa para não seguir êste plano em nosso tempo:

"Por que é que nos afastámos do método de trabalho que foi instituído pelo grande Mestre? Por que é que os obreiros em Sua causa não são hoje enviados de dois em dois? 'Oh!' dizeis, 'não temos obreiros suficientes para atender ao campo.' Então ocupai menos território." — **Idem**, pág. 74.

Não seria bom que meditássemos cuidadosamente e orássemos sobre esta inspirada declaração? A adesão dos obreiros evangélicos que trabalham nas cidades e aldeias a êste conselho fortalecerá a obra do Senhor em todos os ramos de atividade.

## Regiões Metropolitanas

O seguinte conselho foi dado por Ellen G. White:

"Não menos de sete homens devem ser escolhidos, para que assumam as grandes responsabilidades da obra de Deus nas cidades populosas." — **Idem**, pág. 37.

"Minha mensagem é: 'Organizem-se grupos para evangelizarem as cidades.' ... Em toda grande cidade deve haver um grupo organizado de obreiros bem disciplinados. Não somente um, nem dois, mas dezenas devem ser enviados a trabalhar." — **Idem**, pág. 96.

"Cada companhia de obreiros deve estar sob a direção de um dirigente competente. ... Êste trabalho sistemático, conduzido sábiamente, produzirá resultados abençoados." — **Medical Ministry**, pág. 301.

"Deverá haver companhias organizadas e perfeitamente adestradas para trabalharem como enfermeiros, evangelistas, ministros, colportores, estudantes do evangelho, a fim de aperfeiçoar um caráter de acôrdo com a semelhança divina." — **Test. for the Church**, Vol. 9, págs. 171 e 172.

## Os Métodos de Trabalho de Paulo

Quando estudamos os Atos dos Apóstolos e todos os escritos de Paulo no Novo Testamento, bem como o livro *Atos dos Apóstolos* de Ellen G. White, descobrimos que o após-

tolo Paulo, quando estêve em Corinto, teve mais de dez colaboradores auxiliando-o a despertar multidões de crentes, naquela cidade rica e maldosa. Paulo trabalhou lá durante aproximadamente três anos, sempre em harmonia com os planos que lhe foram dados pelo Senhor; daí seu êxito em levantar tantas igrejas por todo o grande império romano.

### **Razões Para o Trabalho em Equipe na Proclamação do Evangelho**

Em cada grande cidade há tôda a espécie de pessoas; ricas e pobres, importantes e humildes, cultas e iletradas, perfilhando diferentes crenças religiosas e filosofias de vida. Alguns dêstes homens e mulheres, de diferente formação social, acham-se inclinadas para a ciência e apreciam o processo do raciocínio analítico mesmo no campo da religião. Por outro lado, há muitos que não querem pensar, ou não sabem como pensar, e tôda mensagem deve ser-lhes apresentada em forma digerida. Muitos não são contrários à religião, porém são indiferentes a ela, embora haja os que se orgulham de ser ateus ou agnósticos. Há também a juventude com suas próprias aspirações e idéias de vida. O evangelho deve tornar-se atrativo a todos, e isto exige espécies diferentes de obreiros para ser realizado. Muitas pessoas que não correspondem à voz e ao método de um homem, alegremente ouvirão e aceitarão a mensagem através de outro obreiro cuja personalidade lhes impressiona. Portanto um obreiro de cidade, para ter êxito e resultado, precisa de uma equipe de obreiros, cada qual com talentos diferentes.

### **Boa Liderança em Regiões Metropolitanas**

Um dirigente deve ser bom general e seus colaboradores, bem disciplinados e organizados. Deve haver planos bem elaborados, claramente entendidos por todos de modo que o trabalho possa ser feito com fervor, solicitude e exatidão. A boa liderança proporciona tempo para reuniões de oração entre os obreiros. Isto sempre redundará em maiores realizações para o Senhor. Também propicia oportunidades para troca de experiências, e assim os obreiros aprendem uns dos outros a ciência de ganhar almas. Deve-se dar tempo para considerar problemas difíceis, e da multidão de conselheiros surgirá a solução que ganhará a vitória mesmo nos casos mais probantes e sem esperança. À medida que os obreiros testemunham um ao outro como o Senhor cura os doentes e opera milagres, e como as pessoas tomam decisão e aceitam o evangelho, um fogo inflama a equipe, um fogo que não pode apagar-se. Seguir-se-ão surpreendentes resultados em batismos.

### **Outros Exemplos de Trabalho em Equipe**

Há algumas semanas, dois jovens de trato, bem vestidos e de atitudes amistosas, vieram à nossa casa. Queriam persuadir-nos a comprar determinado tipo de vidraça à prova de tempestade. Enquanto um explicava, o outro demonstrava. Um se concentrava em minha espôsa, e o outro procurava ganhar minha confiança. Eram eficientes e convincentes em seus esforços para nos vender seus artigos.

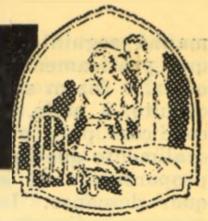
Disse a mim mesmo: "Eis uma demonstração que o departamento de vendas da companhia compreende que promove mais vendas, enviando homens de dois em dois em vez de sózinhos, porque se um falha numa idéia, o outro lá está para compensar; a qualidade de caráter que falta num, pode-se encontrar no outro." E pensei: "Por que não seguimos êste plano mais estritamente e têrmos nossos obreiros trabalhando juntos em equipe, de dois em dois nas cidades e vilas, e em grupos nos grandes centros?" Devem estar bem organizados sob a direção de um competente e consagrado homem de Deus. Nesta época de especialização, nesta época de organização, nesta época em que o inimigo de tôda a verdade trabalha mais duro e mais subtil do que nunca na mente das pessoas para levá-las a rejeitar o evangelho de salvação e a doutrina da segunda vinda de nosso Senhor, não devíamos adotar um método que seja mais viável, que produza maiores resultados, que apresse o dia da vinda do Senhor?

Testemunhamos o valor do trabalho em equipe em nossas campanhas da Recolta. Quando duas pessoas entrevistam um gerente de banco ou influente comerciante, é-lhe mais difícil recusar fazer o donativo. Descobriu-se também que, ao ser dado o donativo anteriormente a uma pessoa, e da próxima vez o apêlo é feito por duas pessoas, o donativo foi dobrado.

O Senhor concedeu graciosamente ao evangelista Fordyce Detamore e outros que trabalham do mesmo modo, êxitos notáveis. Temos certeza de que isto se deve ao fato de que sua eficiência tem sido multiplicada por trabalharem em equipe. Que faria Billy Graham sem G. Beverly Shea, Cliff Barrows e sua legião de auxiliares?

No ministério de ganhar almas hoje Deus quer que Sua igreja siga mais de perto o sistema de trabalho em equipe demonstrado de modo tão prático por Paulo, e repetido sempre nos inapreciáveis tesouros de conselho da serva do Senhor. Ele ajudará a eliminar a indiferença e promoverá o derramamento da chuva serôdia. Lembrai-vos, irmãos, o evangelismo é uma guerra contra o maligno. Realizemos, com êxito, a obra de um evangelista.





## Você Omite o Desjejum?

M. DOROTHEA VAN GUNDY

Nutricionista da Fundação Internacional de Pesquisa em Nutrição

O DEPARTAMENTO de Agricultura dos Estados Unidos tem um boletim intitulado "Coma Um Bom Desjejum — Comece um Bom Dia." No seu conteúdo há um parágrafo que diz: "Uma coisa é certa; omitir o desjejum é mau começo para o dia. Demonstram os estudos que os trabalhadores que omitem o desjejum produzem menos na primeira hora de trabalho do que os que ingerem uma boa refeição antes do trabalho. E à medida que a manhã avança, esfaimados, não desenvolvem tanto. Depois do almoço fazem melhor; e a seguir de novo diminuem o ritmo. O que se dá com estes trabalhadores também ocorre com as domésticas," e com todos os que omitem o desjejum.

O Departamento de Nutrição e Fisiologia da Escola Médica da Universidade de Iowa levou a efeito exaustivo programa de pesquisas com o fito de estudar o desjejum e seu efeito na saúde e eficiência em grupos de várias idades. Fizeram-se estudos sobre desjejuns básicos, ausência de desjejum, e também sobre várias modalidades de desjejuns, para determinar seu valor. Na base de hábitos alterados de desjejuns e reações fisiológicas, pode-se concluir que a omissão fazia decrescer de modo significativo a eficiência mental e fisiológica dos pacientes durante as últimas horas da manhã. Quando o desjejum era incluído no plano da refeição diária, verificava-se significativo aumento em ambas as áreas.

Sendo omitido o desjejum, ali pelas dez e trinta ou onze horas o nível do açúcar no sangue freqüentemente cai abaixo do ponto de jejum. Esta condição, conhecida como hipoglicemia ou hiperinsulinismo, caracteriza-se por nervosismo, ineficiência, irritabilidade e outros sintomas. Estes são similares aos que o diabético experimentalmente depois de receber excessiva dose de insulina.

O rendimento do trabalho de um adulto é afetado à medida que aumenta a fome. Os acidentes devidos à desatenção ou descuido aumentam antes do meio-dia.

O vigor físico diminui como se demonstrou por meio de resistência em pessoas de todas as idades.

O desjejum extremamente elevado em car-

boidratos concentrados, como xaropes, geléias, compotas ou bebidas doces, pode exercer um efeito que não o que deveria exercer porque causa facilmente super-estímulo das células que segregam insulina e desta forma reduz o açúcar do sangue abaixo dos jejuns normais.

Ficando sem o desjejum ou comendo uma refeição matinal incorreta pode sobrevir impulso de comer entre as refeições. A maior parte das merendas entre-refeições constam de doces — barras de chocolate, bolinhos, sonhos ou sorvete. Estas merendas doces elevam o açúcar do sangue, o que tira a fome por um pouco de tempo. No entanto, geralmente dentro de pouco tempo o nível do açúcar no sangue baixa ao menor ponto do que antes de ser ingerida a merenda doce, e de novo sentimos o impulso de comer.

Pessoas há que mastigam doces o dia todo. Isto quer dizer que seu açúcar no sangue se eleva e abaixa e torna a elevar-se, continuamente durante o dia. Não deve ser assim. As refeições devem ser ingeridas em tempos regulares, com intervalos de cinco a seis horas a fim de permitir ao estômago ter períodos de descanso. Nenhum bocado de alimento deve passar pelos lábios entre as refeições. (Ver *Counsels on Diet and Foods*, págs. 179, 228 e 229.)

Por que ficam as pessoas sem o desjejum? O hábito é um fator. O corpo acostuma-se a passar sem esta refeição matinal, da mesma forma que se acostuma a comer substanciosos jantares à noite ou logo antes de dormir. Outra razão é que quando se come muito alimento à noite, especialmente bem tarde da noite, o estômago não fica em condições de alimentar-se na hora do desjejum. Se você sempre tem omitido o desjejum, certamente levará algum tempo até reeducar o corpo para aceitar uma boa refeição pela manhã. Isto, contudo, pode ser feito eliminando de vez a alimentação noturna e aumentando a alimentação pela manhã.

Uma das maneiras mais rápidas de conseguir isto é omitir completamente a refeição à noite e nada comer antes de ir para a cama. Garantirei que seu estômago lhe despertará em tempo para um bom desjejum na

manhã seguinte. Sei de muitos evangelistas que praticamente nada comem durante todo o dia, e fazem sua refeição mais pesada após o culto, à noite. Naturalmente não estão em condições para o desjejum na manhã, porque o alimento que ingeriram a noite anterior não proporcionou ao estômago tempo para qualquer descanso. Leva tempo para se educar o corpo a fim de aceitar um programa diferente.

Um programa nutricional muito melhor seria ter-se um bom desjejum, uma refeição cerca das duas ou três horas da tarde, e a seguir nada comer antes da reunião à noite. Enquanto não reeducar o estômago para não comer à hora de dormir, podem ingerir um caldo quente de vegetais, suco quente de tomates com um pouco de alimento com fermento, ou chá quente de ervas com mel e limão.

Que devemos servir para o desjejum? Provavelmente o desjejum americano mais popular é lombo de porco defumado e ovos, e muitos sustentam que este é o desjejum mais nutritivo. Para determinar exatamente qual o melhor padrão para o desjejum, a pesquisa de Iowa, mencionada no início deste artigo, realizou estudos equilibrados visando demonstrar a eficiência nutritiva de várias espécies de desjejuns. Foram os seguintes os desjejuns comparados:

1. Refeição básica de cereais e leite, em oposição à refeição básica de lombo defumado, ovos e leite.

2. Refeição de bastante lombo, ovos e leite, em oposição à refeição de bastante cereais e leite.

O desjejum básico foi definido como o que proporciona 25 por cento das exigências diárias da alimentação. O desjejum pesado representava cerca de 40 por cento dos reclamos alimentares diários. A fim de avaliar a eficiência dos vários desjejuns quanto a reação fisiológica, determinados aparelhos foram empregados para medir o tempo da reação, vibração neuro-muscular, rendimento máximo de trabalho e outras reações.

Destas experiências resultaram as seguintes conclusões práticas e seguras: O conteúdo do desjejum era relativamente sem importância desde que contivesse proteínas e calorias adequadas. Nos grupos de todas as idades objetos de estudo, a reação foi a mesma quanto ao desjejum na base de cereais e leite ou de lombo, ovos e leite. De um quarto a um terço das necessidades nutritivas do dia deve ser incluído no desjejum.

Ellen G. White oferece este conselho em *Counsels on Diets and Foods*, pág. 173: "É costume e norma da sociedade tomar um ligeiro desjejum. Esta não é, porém, a melhor maneira de tratar o estômago. Na hora do desjejum o estômago está em melhor condição de aceitar mais alimento do que na segunda ou terceira refeição do dia. O hábito de comer um desjejum parcimonioso e um substancial jantar é incorreto. Fazei vosso desjejum corresponder mais à mais pesada refeição do dia." Esta instrução foi dada aos adventistas do sétimo dia em 1884. Não é interessante que, passados quase setenta e cin-

co anos, a pesquisa nutricional provou que um bom desjejum é melhor do que nenhum, ou um desjejum leve?

Ser-lhe-ia de grande proveito reler todo o capítulo sobre "Regularidade no Comer," às págs. 173-182 do *Counsels on Diet and Foods*.

A primeira refeição do dia afigura-se ser a mais difícil de se tornar atraente e ainda nutritivamente adequada. Contudo, há muitos alimentos que se podem servir no desjejum, e um padrão básico bem equilibrado deve incluir frutas, cereais, fatias de pão torrado e proteína.

Estudemos sucintamente as diversas classificações de alimentos. Frutas, podem incluir duas; ambas devem ser frescas, da própria estação, e no inverno uma pode ser fresca, e outra cozida ou enlatada. As frutas devem ser misturadas para prover interessante variedade. Cerejas com pêssegos em fatias, por exemplo, ou bananas em fatias com laranjas dão um gosto especial. Esparja mólho de maçã nas passas de uvas ou frutas secas retalhadas, como tâmaras. Acrescente fatias de laranja ou limão às ameixas ou outra fruta seca. Maças assadas são sempre benquistas nos desjejuns, e também o mólho de maçãs.

Cereais devem ser cozidos, em variedades, e o desjejum mais pesado deve incluir torradas.

No entanto, para um desjejum mais leve e reduzido, deve-se usar cereal ou torrada. Ambos devem ser de trigo integral, e pode ser feito só de trigo ou combinação de vários cereais. Não é sempre necessário servir cereal cozido em tigela com leite ou nata; procure para variar servi-lo com nozes moídas ou retalhadas, fazendo pequenos pasteis que se deixa tostar no forno.

Se se faz um desjejum de alimentos secos, devem ser de farinha integral. Podemos dizer com segurança que a maioria dos desjejuns vendidos nos mercados não são tão nutritivos do ponto-de-vista de vitaminas e sais minerais como o desjejum de alimentos cozidos. Poderá haver, naturalmente, algumas exceções.

O hábito de adoçar os cereais (quer cozidos ou secos), não é bom. Não passa de hábito e pode ser facilmente mudado com alguma determinação e domínio próprio. Se você é amigo de açúcar nas sopas de cereais, experimente usar passas, tâmaras ou outras frutas. Elas satisfarão seu gostinho pelo doce ao mesmo tempo que acrescenta algumas vitaminas e sais minerais, como bonificação extra.

Introduzir proteína no desjejum parece ser problema para algumas pessoas, porém pode ser feito de uma porção de maneiras. Leite fresco é muito usado no cardápio do desjejum. Do ponto-de-vista da proteína, o leite de soja ou o leite de nozes é de igual valor ao leite fresco. A pessoa pode facilmente adquirir o gosto pelo leite de soja misturando-o com leite de vaca ou de nozes. São bons sobre o cereal ou usados como bebida. Os ovos são igualmente muito usados no cardápio do desjejum, porém devem ser muito bem cozidos.

Experimentou, alguma vez, usar sopa no desjejum? Isto proporciona interessante variação, dando também bebida quente, e além

disso provê proteína. Sopas de ervilhas rachadas, lentilhas, favas ou feijão soja proporcionam excelente proteína.

A proteína extra pode ser incluída, acrescentando-se soja granulada ou farinha de soja ao cereal — uma ou duas colheres em cada servida. Lêvedo de cerveja também acrescenta proteína ao desjejum. Deve ser adicionado ao cereal, à bebida, ou usado em lugar de torradas. O lêvedo de cerveja tem aproximadamente 50% de proteína, e também acrescenta vitaminas complexas B.

Você poderá informar-se com nossos amigos de Nova Inglaterra, que servem feijão cozido na noite de sábado para o desjejum de domingo cedo.

Acrescente proteína em forma de farinha de soja nos "tostex", broas e "waffles". Quaisquer alimentos vegetais proteinados que se vendem nas mercearias podem ser servidos no desjejum.

Falando de proteína vegetal, as pesquisas levadas a efeito em Iowa demonstraram que o que se segue às refeições quanto ao nível do açúcar no sangue é o mesmo efeito, quer se trate de proteína de origem vegetal ou animal. Em outras palavras, o açúcar no sangue conduziu-se do mesmo modo nos desjejuns que continham a mesma quantia de proteína quer vegetal quer animal, ou a combinação de ambas.

Reúna-se a família à mesa para o desjejum. Aconselha a Sra. Ellen G. White que se deve gastar com o desjejum tanto tempo como para outra refeição. Diz ela: "Que a mesa de-

ve ser posta de modo atraente e convidativo, suprida das boas coisas que Deus tão generosamente concedeu. Que a hora da refeição seja um momento animado e feliz. A medida que desfrutamos as dádivas de Deus, respondamos com grato louvor ao Doador." *Counsels on Diet and Foods*, pág. 231. Esta espécie de atmosfera proporcionará à família um bom comêço de dia, e concorrerá para a saúde mental e emocional.

Ao estudarmos as instruções dadas à denominação adventista do sétimo dia pela inspiração, e comparando-a com as pesquisas nutricionais de hoje, podemos resumir como segue:

1. Comece o dia com um bom desjejum. A refeição noturna, se é feita, deve ser leve.
2. Deve-se planejar a inclusão de variedade de cereais, calorías adequadas e razoável teor de proteína.
3. As refeições devem ser feitas todos os dias em horas regulares.
4. Nada se deve comer entre as refeições.

Se você desejar ter mais idéias e sugestões relacionadas com um cardápio equilibrado para o desjejum, enviar envelope longo, selado e endereçado ao

*International Nutrition Research Foundation*  
Arlington, Califórnia — U.S.A.

A maior parte dos desjejuns inclui bebida de alguma espécie. O próximo assunto a ser estudado será: "Bebidas — Quando e De Que Espécie?"

# INSTRUTOR BÍBLICO



## Preparo Básico Para o Evangelismo Pessoal

LOUISE C. KLEUSER

**A** EXPRESSÃO "obreiro pessoal" requer novo realce numa hora em que há extrema necessidade dessa espécie de obreiro. Reconhece-se cada vez mais que a conquista de almas é a própria vida de nossa obra, e se constitui no preparo básico para os obreiros adventistas do sétimo dia. Este crescente interesse, contudo, inclui tanto homens como mulheres.

### É Necessário Personalidade

A personalidade é vantajosa no evangelismo pessoal. O preparo para êle constitui a melhor maneira de desenvolver a personali-

de. O ganhador pessoal de almas não tem o apoio de um côro de anjos a preparar um ambiente que ajude o coração e a mente a serem receptivos à mensagem. Ao contrário do evangelista de púlpito, o obreiro do evangelismo pessoal opera com indivíduos ou pequenos grupos. Ele tem que proceder sem alarde e sem o auxílio de ajudantes preparados. Seu trabalho no seio da família, nos lares do povo, é feito sob sua exclusiva responsabilidade. É, contudo, o contacto de Deus com o homem, um difundidor do evangelho. Ou ganha a pessoa para Deus ou a perde; há muita coisa em jôgo. Há, no entanto, uma sucessão de emoções enquanto, dia a dia, ajuda

a decidir destinos eternos. Este chamado do Senhor constitui um serviço maravilhoso e satisfatório.

### Habilidade na Conversação

O ensino da Bíblia de modo tão pessoal não se cifra exatamente em conversar com as pessoas. Muito das energias do instrutor bíblico deve ser dispendido em ouvir com atenção; não o ouvir dos psiquiatras profissionais mas como para detectar a serena voz de Deus. O obreiro pessoal não fala sempre com a pessoa que precisa ser ajudada, cujo fluxo de palavras sobre coisas aparentemente sem importância pode derramar-se como uma catarata sobre o precipício; ele fala com Deus, apelando para palavras certas para suas próximas observações.

O papel do obreiro pessoal dificilmente se adapta ao "vida mansa" ou "sombra e água fresca", pois exige raríssima capacidade de conversar. Distancia-se muito da conversação comum de encontros fortuitos, vulgarmente denominada "conversa mole" ou as várias banalidades de muitos que supõem ser mensageiros do Senhor mas lhes falta uma mensagem vinda de Seu trono. O verdadeiro obreiro pessoal deve apresentar sua missão no seguro tom de conversa de um afetuoso amigo que tem algo muito maravilhoso para revelar ao ouvinte. Isto não se pode realizar meramente com vivacidade, pois tem o obreiro uma mensagem de "vida e morte". Pode ser necessário apresentá-la com a insistência semelhante à da mãe do cordeiro ao balar diante do perigo, ou também pode ser necessário revelar a força característica do leão quando as circunstâncias exigem decisão. A habilidade de conversação do verdadeiro obreiro pessoal é fascinantemente poderosa e surpreendentemente eficaz. Desenvolve-se por meio de muita oração, estudo da Bíblia e experiência.

### Instância e Autoridade

O obreiro pessoal é mais que um propagador de fatos doutrinários; ele maneja as preciosas gemas da verdade. Suas casuais conversas nas portas, os estudos bíblicos no seio das famílias, não são esforços para trazer pessoas "dentro da verdade." Cada palestra é carregada com a preocupação cordial do obreiro para salvar os homens e mulheres perdidos, desta "geração maligna." Sua missão iguala-se à do embaixador que leva credenciais do Céu. Pode estar tratando de verdades impopulares, porém lhes são as mais atrativas. Dêse modo a obra do evangelista pessoal é assaz inspiradora, a despeito de alguns elementos imprevisíveis, quando ocorre angústia pelas almas.

### Preparo e Formação

Em adição a uma personalidade agradável

e ganhadora de almas e habilidade de ensinar, o obreiro pessoal necessita de profundo conhecimento de sua mensagem. Na postura informal de um estudo bíblico no seio do lar não é possível dizer que dúvidas possam aparecer. O evangelismo público é geralmente poupado de possíveis embaraços que resultam do conflito na mente do ouvinte. Tal, porém, não se dá com o evangelista pessoal; precisa estar informado sobre aquele ponto. Isto, portanto, o obriga a informar-se ao ponto de saber ou ser capaz de encontrar a resposta. O obreiro precisa ser bom estudante da Bíblia e da natureza humana. No evangelismo é necessário que ensine com convicção. Se deve ganhar para Cristo pessoas que primeiro investigam bem o que aceitam depois, deve ele ser profundo e organizado em todos os aspectos de seu trabalho. Isto por si mesmo inspira confiança na capacidade do instrutor em ensinar a mensagem especial vinda de Deus.

### Paciência e Equilíbrio

Hoje o evangelismo pessoal enfrenta vasta série de forças correntes. Entre elas podemos citar muitos projetos modernos, engenhos e invenções que fazem jus à atenção, contudo subtraem a firme investigação da Bíblia. Podíamos aqui mencionar apenas o rádio e a televisão com seus atrativos, esportes e assuntos frívolos. Há, porém, muitas outras perturbações, como a birra de crianças, choro de nenéns, caprichos de crianças maiores, extravagâncias ou manias de adolescentes, preconceito de esposas ou espôsos e de parentes em geral. O obreiro deve sempre estar cômico da casual "visita" de vizinhos e amigos tornando a ocasião inconveniente para o estudo bíblico. Quão necessário, então, que o obreiro pessoal seja bondoso, paciente, compreensivo e equilibrado!

### Afiando Nossas Ferramentas

O leitor verá prontamente que o evangelista pessoal desempenha parte importante na obra de nossa mensagem final. Seu trabalho é uma ciência de artista — a ciência dos anos por vir. É o mais satisfatório trabalho de toda sua vida, dificilmente comparado com qualquer outro; contudo é básico o preparo para todos os obreiros adventistas do sétimo dia. Este trabalho se constrói em contactos com pessoas, sempre e em toda parte. Ajudando outros a desenvolver um caráter para viver com Jesus para sempre muito contribui para a personalidade do obreiro — modela-lhe o próprio caráter diariamente. A habilidade do evangelismo pessoal nunca se exaure, e aqueles que já atenderam esse chamado serão sábios para afiar suas ferramentas de quando em quando para a mais consagrada obra de ganhar almas.



# Provações do Cristão

EDITE A. SAWYER

Instrutora Bíblica Aposentada, Fullerton, Califórnia

**A**LGUMAS vezes os novos conversos à crença adventista mantêm a opinião errônea de que após receber o sagrado rito do batismo e ingressar na igreja como seu membro, haverá poucas dificuldades, e provações, se as houver, a perturbar-lhes a existência. Esperam entrar num estado de bem-aventurança comparável ao próprio Céu. Nós, que somos mais velhos na fé, sabemos, entretanto, que ingressar nas fileiras cristãs é entrar numa guerra muito real contra o pecado e o diabo. E guerra sempre traz sofrimento. Sem muito esforço, muitas pessoas podem lembrar que enquanto eram infantes na crença tiveram mais de um choque sério com os sórdidos problemas terrestres, cuja repercussão quase lhes ocasionou o fracasso nas novas e muito valorizadas conseqüências espirituais. Mas para o olhar sempre vigilante do grande Observador celeste, poder-nos-iam haver sido sôltas as amarras.

O trabalho do instrutor bíblico não pode ser considerado completo sem que advirta os futuros membros da igreja da possibilidade de que em sua nova vida cristã experimentarão provações mais duras do que até então sofreram, e prepare-os para enfrentar essas provas com ânimo e fortaleza cristãos. O instrutor deve explicar que as provações, se bem que não necessariamente mandadas por Deus, são não obstante por Ele permitidas, e para um bom propósito. Houvesse o Senhor prometido uma vida de bem-aventurança absoluta após o batismo, teria cumprido essa sedutora promessa, mas em parte alguma das Escrituras Sagradas pode ser encontrada semelhante promessa.

Muitas experiências de sofrimento triunfante da parte do povo de Deus no passado foram registadas para a animação dos que viessem depois. Ao Seu povo é assegurado que com Suas bênçãos, tôdas as provações, aflições e perseguições serão transformadas em bem, se suportadas varonilmente. Devemos salientar que Deus ordenou ao Seu povo que confiasse no Senhor e tivesse bom ânimo (Sal. 27:14). Não devem êles descoroçoar diante da adversidade e provação. Podem ter a certeza de que Deus controlará tôdas as tentativas satânicas contra êles feitas e usará essas mesmas aflições como instrumentalidades purificadoras tendentes a prepará-los para a vinda do Senhor. Devem êles olhar além dessas tribulações ao tempo em que "herdarão o reino" e não mais haverá provações. O seguinte arranjo de textos pode ser proveitoso para a apresentação dêste assunto:

## Provações — Processo Divino de Purificação

### I. Compreensão do Plano Divino

1. Que diz o Senhor com clareza ao Seu povo no tocante à certeza das provações? (S. João 16:33 prim. parte.)
2. Como devemos nós considerá-las? (S. João 16:33, últ. parte.)
3. De que fonte procedem essas provações?
  - a) "O Senhor corrige o que ama" (Heb. 12:6).
  - b) "Vosso adversário, anda em derredor, ... buscando a quem possa tragar" (I S. Ped. 5:8).

### II. Amoroso Cuidado Divino

1. Agrada-Se o Senhor em causar sofrimento ao Seu povo? (Lam. 3:33.)
2. Por que são permitidas as provações? (I S. Ped. 1:7; II Cor. 1:4.)
3. Quando Deus chamou Paulo para servir, que disse Ele que lhe mostraria? (Atos 9:16.)
4. Que respondeu Paulo aos que estavam perplexos pelo seu sofrimento? (I Tess. 3:4.)
5. Quais foram alguns dos sofrimentos de Paulo? (II Cor. 11:24-28.)
6. Qual foi a reação de Paulo a êsses sofrimentos? (II Cor. 4:17.)
7. Qual, diz o Senhor, deve ser a nossa reação ante as nossas provações? (I S. Ped. 4:12 e 3:13.)

### III. Regozijo e Vitória Final

1. Qual será a recompensa final dos que suportam as provações? (S. Mat. 24:13.)
2. Esquecerá Deus os Seus filhos? (Isa. 49:15 e 16; S. Mat. 28:20; Apoc. 2:10 últ. parte.)
3. Que fará afinal o Senhor por Seu povo? (Apoc. 21:14.)

Deixai a alma ferida com a confiança no desígnio divino. Instruí-a a buscar a Deus mais ardorosamente em oração. Tornai-lhe reais as promessas divinas, feitas para êle. Fortalecei-lhe a fé para crer que está cumprindo o Seu plano na sua vida. Auxiliai a alma em lutas a ver agora, com os olhos da fé, a vitória final da luta. Em vez de exagerar as próprias dificuldades, aprenda a regozijar-se no magnífico poder de Deus. Explicai-lhe que isso é testemunhar do eterno amor e cuidado divinos por tôdas as Suas criaturas. Isso é viver uma vida cristã vitoriosa.

# Que Dizemos dos Sermões Longos Demais?

ARNALDO B. CRISTIANINI

Redator-Associado de "O Ministério Adventista"

**O**UVIMOS, de quando em quando, tímidas observações a respeito de sermões excessivamente longos os quais, ao invés de edificar, cansam os ouvintes. Não faltou mesmo quem observasse que os pregadores adventistas, de modo geral, são prolixos e que talvez, em parte, isso se deva à natureza da mensagem de que somos portadores. Se há sermões que entediam ou enfadam, e não alimentam a alma, cumpre apurar se o defeito está na pregação, no orador ou no ouvinte. De fato há sermões que nos parecem áridos, maçantes, rebarbativos e difíceis de serem ouvidos. O defeito não está no tema, porque toda a mensagem de que somos depositários é viva, espiritual e fascinante. O ouvinte que, fiel à sua crença, vai de boamente à igreja para nutrir-se espiritualmente, não pode ser acusado de não se beneficiar do sermão. O pregador pode ser culto, o tema substancioso. Não haverá talvez falta de seqüência ou de lógica na explanação do assunto. Então, qual a causa de certas pregações exercerem efeito narcotizante sobre o auditório?

Fizeram-se pesquisas a respeito. Em raros casos se pode atribuir à monotonia do orador, ou à falta de seqüência ou clareza do assunto. O efeito negativo da chamada "oratória narcotizante" se cifra no seguinte: os discursos (ou sermões) são longos, demasiado extensos, compridos demais, quilométricos até. E por isso tornam-se desinteressantes, insípidos, às vezes até enfadonhos e enervantes. Sim, o mal está na extensão, dizem as pesquisas promovidas pelos técnicos em oratória. Referimo-nos aos sermões proferidos dos púlpitos, às preleções, discursos nas tribunas, tiradas verbais que são feitas *de uma só vez*. As mesmas pesquisas demonstraram que, havendo variedade de oradores, que falem pouco, os ouvintes suportam bem uma reunião de três horas, porém se cansam com um único orador que exceda de trinta minutos, a menos que tenha muita vivacidade e beleza expressional, e entremeie sua falação com ilustrações muito interessantes em outro tom de voz.

Também está provado por leis psicológicas o seguinte: embora interessante e importante, embora de grande atualidade, uma dissertação prolongada demais não atinge o objetivo. E a razão é simples. A capacidade de atenção dos ouvintes é limitada. Principalmente os que trabalharam durante a semana, em serviço pesado ou extenuante atividade mental, tendem a desviar a atenção por compreensível relaxamento nervoso, não apreendem, não fixam e não aproveitam uma tirada verbal que ultrapasse de meia hora, salvo casos especiais. Porque depois dêsse tempo — provam-no as pesquisas feitas — ocorre o declínio da atenção, o enlanguescimento dos nervos de fixação,

seguinte-se o desinteresse, o alheamento, a vontade de dormir. O orador, a esta altura, estará falando às paredes.

Quando o assunto é, por natureza, extenso ou, para maior clareza, exija explicações mais amplas e pormenorizadas, então se deve variar o *modus operandi* ao apresentá-lo, quer ilustrando-o com projeções, figuras, mapas, gráficos, quadro-negro, etc., ou fazendo-se interrupção para intercalar números de música ou canto, e a seguir recomeçar a preleção. Essa variação dilata a capacidade de fixação dos ouvintes, porque lhes alivia a tensão. Contudo, ainda é preferível dividir o assunto em duas palestras, fazendo-as em dias diferentes.

O prelecionar mais de trinta minutos (em casos especiais mais uns cinco) exgota a capacidade da maioria do auditório, e é lamentável que nem todos os oradores se apercebam disso. Há oradores que não percebem a evidente apatia do auditório, e vão falando, continuam falando, prosseguem falando, falando sempre, cobrindo à risca todas as prolixas divisões e sub-divisões homiléticas do esboço, ainda que isto exija duas horas para ser concluído. E os ouvintes terão que suportar essa falta de habilidade e de preparo de quem prega. Não é raro ver-se, durante a pregação, um e outro irmão que não disfarçam sinais de impaciência, de mal-estar ou nervosismo; alguns abrem a Bíblia e adiantam a leitura do ano bíblico; outros lêem revistas; outros se mexem nos bancos, olham o relógio de pulso, pigarreiam, suspiram; outros bocejam, alguns cochilam, dormem e há até os que roncam. Mas, a despeito de tudo, o pregador continua falando, falando... indiferente a isto, e ainda censurando intimamente o "dorminhoco" que tinha a obrigação de ouvir o sermão até o fim.

Ora, isto não é correto. Pelas leis psicológicas é um abuso. É torturar os irmãos que precisam ouvir, que querem *ouvir* uma mensagem clara, substanciosa e concisa, e ao invés, tem que "escutar" uma tirada longuíssima que os cansa sobremodo. Diz-se que o cúmulo da delicadeza do pregador é, quando terminar o sermão, descer da plataforma na ponta dos pés, e assim silenciosamente dirigir-se até à porta, para não acordar os membros que estão dormindo no recinto...

Agora, a coisa mais grave: verificou-se que muita gente interessada reluta em freqüentar cultos ao saberem que o pregador é *quilométrico* na sua falação, e há muitas almas que pouco freqüentam a igreja por causa de sermões compridos. Nem todos estão dispostos a esta penitência.

Apesar destes fatos, há pregadores da antiga escola que insistem:

— Qual o quê, o pessoal tem que ouvir ser-

mão grande. Então vão à igreja para passear? Os nossos pioneiros falavam bastante nas reuniões. A irmã White falava muito também. Em meia hora não dá para dizer nada...

Antes de considerarmos essas objeções, notemos o seguinte: o pregador é o que alimenta a igreja. O sermão é o *alimento* espiritual. O pregador inteligente, que deseja obter resultados positivos na sua prédica, deve ter em vista, antes de tudo, a capacidade digestiva do auditório. Como ocorre na nutrição fisiológica, que requer bons alimentos, requer também *dosagem*. Nada de empurrar! Comer demais traz sérios distúrbios orgânicos. Também o falar demais congestionaria os ouvintes; irrita-os. E pode ser tido como uma falta de consideração para com eles.

Com base em casos verificados *in loco* pode-se dizer, com segurança, que muitas prédicas longas que se fazem em nosso meio, poderiam, com propriedade, ser cortadas ao meio, e algumas até divididas em três porções, e pregá-las uma de cada vez, como aliás sugere a própria irmã White. Disse alguém que os pregadores que não são capazes de controlar o tempo, precisariam de um *sermômetro* para acusar o tempo exato que a homília deveria terminar...

Não vamos agora ao extremo dos sermões curtos demais. A prédica deve ser concisa e substanciosa, dentro de um razoável espaço de tempo, sem prejuízo de suas partes essenciais. Há exceções, sem dúvida. Há ocasiões especiais que exigem falação mais extensa. Não nos esqueçamos, porém, de que são *exceções*. A própria Sra. White, de uma feita, precisou falar quase duas horas. Foi um caso especial, especialíssimo. O apóstolo S. Paulo, às vésperas de uma partida, em Trôade, falou demais, "alargou a prédica", um moço dormiu e veio a cair da janela. Insistimos que há exceções, e ninguém deve argumentar com exceções. A regra é falar num limite razoável de meia hora, se possível menos.

Seria ocioso dizer que noventa por cento dos sermões longos podem ser debitados à falta de preparo de quem os prega. Outros dez, ao *hábito* da prolixidade. Hábito difícil de ser vencido, bem o sabemos.

O Espírito de Profecia também dá conselhos valiosos a respeito deste assunto. Reproduzimos excertos que devem ser lidos, relidos e retidos pelos pregadores que realmente querem cativar os ouvintes. Ei-los:

"Aquêle que é designado para dirigir cultos aos sábados, deve estudar a maneira de interessar os ouvintes nas verdades da Palavra. Não convém que se façam sempre tão longos discursos. ... O sermão deve ser frequentemente breve, a fim de o povo exprimir seu reconhecimento para com Deus." — Obreiros Evangélicos, pág. 171.

"O sermão proferido do púlpito não deve ser longo, porque não somente cansa o povo, mas absorve o tempo e a energia do ministro de tal forma que ele não se sente já tão animado para empenhar-se no trabalho pessoal que se deve seguir." — Manuscrito 14, 1887.

"Que vossa pregação seja curta e direta no ponto visado, e no momento oportuno apele para uma decisão." — Carta 8, 1895.

"Que haja sermões curtos, e orações curtas e fervorosas." — Carta 132, 1898.

"Sejam breves vossos sermões. Sermões compridos cansam tanto a vós como ao povo." — Manuscrito 8a., 1888.

"Evital sermões longos. O povo não pode reter uma metade sequer dos sermões que ouvem." — Carta 102a., 1897.

É fora de dúvida que o que as pesquisas modernas revelam, já a Sra. White aconselhava por inspiração. O que vale é a capacidade de retenção dos ouvintes. Que adianta pregar durante uma hora, se depois de trinta minutos as palavras se perdem no ar? Não estará o pregador *perdendo* seu tempo, *sem proveito algum* para os ouvintes?

A serva do Senhor aconselhava o preparo do sermão. Diz ela:

"Sei pela extensão do sermão se o pregador esteve em casa durante a semana. Quando não dispôs de tempo para os preparar, seus sermões são maçadamente longos, e é igualmente impossível que algo dêles se fixe na memória.

"Perguntou-se a um hábil ministro, quanto tempo costumava pregar. Respondeu: 'Quando me preparo convenientemente, meia hora no máximo; quando me preparo pouco, uma hora; quando, porém, subo ao púlpito sem prévia preparação, prosigo o tempo que você quiser. Nunca sei quando parar'." — Carta 47, 1886.

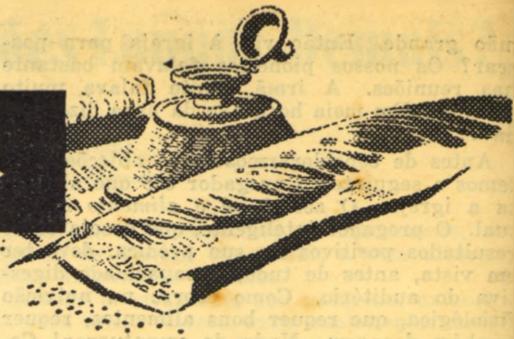
O livro "Evangelismo", recentemente editado pela Casa Publicadora Brasileira, traz muito conselho a respeito. Um dêles, à página 176, diz:

"Eliminai Terminantemente os Sermões Compridos. — Alguns de nossos sermões compridos produziram muito melhor resultado sobre o povo, se fossem divididos em três. O povo não pode digerir tanto; sua mente não pode sequer acompanhá-lo, e torna-se cansada e confusa à vista de tanto assunto que se lhe apresenta num único sermão.

"Dois terços destes sermões longos são perdidos, e o pregador fica exausto. Há muitos de nossos ministros que erram a este respeito."

Se as nossas mensagens faladas fossem mais concisas, ganharíamos talvez o dôbro de gente para a verdade.





## Emprego dos Tempos dos Verbos — III

### Preterito Mais Que Perfeito Compôsto

**PROSEGUINDO** na apresentação pormenorizada desta parte gramatical de grande valia para quantos falam em público ou escrevem, diremos alguma coisa sobre os tempos compostos.

O chamado *preterito mais que perfeito compôsto* serve para indicar a repetição ou probabilidade de continuação de uma coisa passada anteriormente a outra também passada. Exemplos: Já *tinha terminado* o sermão, quando êle entrou no templo. *Havia sido* levado a uma conclusão errônea do assunto. Já *tinha feito* muitas construções, quando morreu. Já *havia* eu *escrito* a carta, quando êle se ausentou.

E aqui encerramos as considerações sobre os tempos preteritos.

### Tempos Futuros

O emprego dos tempos verbais futuros obedece certa técnica que a ninguém que fale em público ou escreva é lícito ignorar.

a) — O *futuro do indicativo* na acepção frequente aponta para um tempo futuro, quando se dará a ação. Ex: *Falarei* com o juiz na quarta-feira. *Viajaremos* pelo avião de carreira. *Visitarei* o irmão Leôncio amanhã.

b) — Há o *futuro promissivo* que se deve empregar sempre que a coisa futura envolva idéia de dever, obrigação ou necessidade. Exemplos: *Hei de empregar* todos os esforços para conseguir o meu objetivo. *Hei de vencer*, custe o que custar. *Hei de aprender* o inglês.

Também se emprega este tempo quando há uma idéia de dúvida e ironia. Exemplos: *Ele há de ficar* manso como um cordeiro. *Ele há de fazer* a coisa direitinho.

c) — Há um tempo futuro em que se emprega a conjunção *perifrástica promissiva*, quando a coisa era futura em um tempo passado. Exemplos: Porque pouco depois daquele época os chineses *haviam de inventar* a pólvora. Se naquele época *houvessem de construir* uma casa, não o fariam como hoje. Era fatal, pois isto *tinha de suceder*, mais hoje, mais amanhã.

d) — Emprega-se o futuro para substituir o presente do indicativo nas frases dubitativas. Exemplos: Quantos *não estarão* hoje chorando o haverem votado mal! Quantos *não estarão* hoje fora da igreja!

e) — Há o *futuro anterior* do indicativo que aponta uma ação futura anterior a outra também futura, porém posterior. Exemplos: A esta altura, senhores, *terá sido* inócua sua intervenção. *Êle já terá morrido* quando o médico chegar.

f) — Também se emprega o futuro para substituir o imperativo para indicar uma prescrição, regra ou norma de procedimento. Exemplos: Não *matarás*. Não *furtarás*.

Em havendo oportunidade, apresentaremos o emprego de tempo de verbo que, a nosso ver, deve ser mais ressaltado, pois nêle se notam os maiores deslizes, principalmente entre os oradores. Trata-se da forma imperativa, especialmente o imperativo-negativo.

A.B.C.

### Coisinhas

**GERALMENTE** se pensa muito na importância das pequeninas coisas. Que é um botão, um alfinete? Entretanto segura um vestido que cai, um papel que ia se perder e do qual, às vezes, dependeria a sorte de uma família. Que coisa pequenina é uma palavra! Mas dita a propósito é suficiente para impedir uma queda, para reparar uma falta e para colocar um desviado no caminho certo. Pouca coisa enfim é uma lágrima, e ela pode aplacar a cólera, acalmar a dor, des-

pertar o arrependimento, restabelecer a felicidade.

Como é culpável o nosso desdém quando dizemos assim: — Isso não tem valor, é como um alfinete, um mosquito, um minuto. Os minutos fazem as horas e as horas os anos. Foi pensando nisso que Horace Nann, após-tolo da instrução nos Estados Unidos, fez publicar este anúncio original:

“Perderam-se duas horas cravejadas de sessenta brilhantes cada uma. Não se dá recompensa a quem as entregar, porque essas joias não se tornam a encontrar jamais.”